



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV**  
**COLEGIADO DE HISTÓRIA**

EDNA MOURA MAGALHÃES

**FESTA DE REIS EM ARACI**  
**(1989 - 2011)**

Conceição do Coité

2013

EDNA MOURA MAGALHÃES

**Festa de Reis em Araci**  
**(1989 - 2011)**

Monografia apresentada ao Colegiado de História da UNEB, Departamento de Educação, Campus XIV, como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação Licenciatura em História, sob orientação da Professora Mestre Adriana Silva Telles Boudoux.

Conceição do Coité

2013

EDNA MOURA MAGALHÃES

FESTA DE REIS EM ARACI (1989 - 2011)

Monografia apresentada ao Colegiado de História da UNEB, Departamento de Educação, Campus XIV, como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação Licenciatura em História.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Adriana Silva Teles Boudoux - Mestre em Literatura e Diversidade Cultural; Professora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus XIV.

---

---

Conceição do Coité

2013

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

A minha família, que apesar de não estarem por perto, me incentiva e apoia.

Agradeço a cada um dos reiseiros que colaboraram com esta pesquisa, pela receptividade e acolhida, por se mostrarem sempre dispostos a me ajudar, sou muito grata.

À professora Mrs. Adriana Silva Teles Boudoux, que me auxiliou e apontou os caminhos possíveis para a concretização deste trabalho. Por toda a paciência, delicadeza e compreensão, meu muito obrigada.

Agradeço também a todos os professores da graduação, que ao longo do curso, de forma direta ou indireta forneceram biografias e reflexões pertinentes a pesquisa em questão. Em especial à professora Mrs. Iris Verena, pelas orientações iniciais, suas intervenções foram de grande valia.

Também quero agradecer à professora Dr<sup>a</sup>. Suzana Severs, que durante o curso contribuiu significativamente sugerindo temas e alertando-nos sobre a importância de uma pesquisa. Foi através dos seus incentivos que o interesse pela pesquisa surgiu, meus sinceros agradecimentos.

Agradecimento mais que especial ao meu esposo Laylson Jr., por todo carinho, paciência, compreensão; e pela presença constante durante toda essa fase, me ouvindo e me acalmando nos momentos de angústia.

A todos os colegas de graduação, em especial às companheiras e amigas Ana Nery Brito, Diene Junqueira, Jociane Araújo e Samara Mota, pela força e incentivo em todos os momentos.

Aos aracienses que contribuíram para a realização deste trabalho, fornecendo fontes e informações indispensáveis. Grata pela colaboração e disponibilidade de todos: Ana Nery Carvalho, Carlos Mota, Gidalti Moura, Luiz Santana e Pedro Juarez.

Enfim, meus sinceros agradecimentos a todos que direta ou indiretamente ajudaram na realização deste trabalho.

## RESUMO

O trabalho proposto visa a analisar a Festa de Reis em Araci dentro de uma moldura mais ampliada das relações entre a sociedade araciense e o poder local, tentando perceber as ligações entre o mundo da cultura e da política. Este estudo é realizado dentro de um recorte temporal compreendido entre os anos de 1989 e 2011. A partir das fontes orais e escritas, pôde-se compreender e problematizar a Festa a partir de duas temporalidades: a festa antes e depois da intervenção direta do Poder Público Municipal. Buscou-se investigar o contexto inicial da festa na perspectiva de perceber as transformações ocorridas ao longo do tempo, a partir da análise do contexto histórico da cidade, a fim de depreender a dinâmica dessa sociedade. Tentou-se desvendar as vivências cotidianas dos sujeitos envolvidos nesta investigação e compreender através dos gestos simbólicos que acontecem nessas festividades, as possíveis tensões, conflitos e as relações de poder presentes nesta localidade. Procurou-se estar atento ao modo como as relações Igreja, políticos e reiseiros eram estabelecidas; as visões de mundo e percepção da festa. Buscou-se ainda expor os discursos e imagem da festa na imprensa local.

**Palavras-chave: Festa, Devoção, Poder, Araci.**

## **ABSTRACT**

The proposed work aims to analyze the Feast of Kings in Araci within a broader framework of relations between society and local araciense, trying to understand the links between the world of culture and politics. This study is conducted within a time frame between the years 1989 and 2011. From the oral and written sources, we could understand and discuss the Party from two temporalities: the party before and after the direct intervention of the municipal government. We sought to investigate the initial context of the party in view of realizing the changes occurring over time, from the analysis of the historical context of the city in order to infer the dynamics of this society. Attempted to uncover the everyday experiences of those involved in this investigation and understanding through symbolic gestures that happen in these festivities, the possible tensions, conflicts and power relations present in this locality. We tried to be attentive to how the Church relations, political and reiseiros were established; worldviews and perception of the party. We sought to further expose the speeches and image of the party in the local press.

**Keywords: Party, Devotion, Power, Araci.**

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Grupo de cantadores de reis em 1976 .....	21
<b>Figura 2:</b> Elementos que compõem o reisado .....	23
<b>Figura 3:</b> Cartaz de divulgação do Reis Fest em 2012 .....	54

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 – CENAS E CENÁRIOS DA FESTA DE REIS .....</b>	<b>15</b>
1.1 Gênese da folia de reis no Brasil e o ritual da folia de reis em Araci.....	15
1.2 Gênese da Festa no cenário local .....	26
<b>CAPÍTULO 2 – FESTA, PODER E DEVOÇÃO .....</b>	<b>36</b>
2.1 A utilidade da religião: relações entre a Igreja, políticos e reiseiros .....	36
2.2 Relações de poder, conflitos e apropriações na Festa de Reis em Araci .....	44
2.3 O discurso e a imagem da Festa na imprensa local .....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
<b>LISTA DE FONTES UTILIZADAS .....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>61</b>



## CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Os festejos aos Santos Reis em Araci são celebrados por vários grupos de Ternos de Reis, que começam a percorrer as ruas da cidade no dia 1º de janeiro e encerram suas andanças oficialmente no sexto dia do ano. A festa dos Santos Reis ou Festa do Boi de Janeiro, como é conhecida na cidade, vem acontecendo a mais de setenta anos, organizada por Ternos de Reis da sede do município e da zona rural.

O interesse pelo estudo da referida festa se deu por conta da sua grande importância cultural para a cidade e por entender que esta se constitui como elemento importante à observação e tentativa de compreensão da dinâmica da sociedade araciense, bem como a intenção de ver a festa dentro de uma moldura mais ampliada das relações entre a sociedade e o poder local.

A festa como objeto de estudo proporciona ao historiador inúmeras possibilidades de análises, pois, está carregada de simbologismos, significados e representações do social, capazes de deixar interver as hierarquias sociais, disputas, conflitos, resistências, bem como alegrias, expectativas e interesses diversos. Constituindo-se num ambiente propício à compreensão da sociedade e dos valores que fazem parte das vivências cotidianas de seus participantes, possibilitando assim a apreensão dos múltiplos significados que dela emerge.

Entretanto, nem sempre a festa foi encarada pela historiografia dessa maneira. Ela só passou a ganhar espaço significativo como objeto de estudo a partir da década de 1970, sendo que “o interesse por cultura, história cultural e “estudos culturais” ficou mais visível nas décadas de 1980 e 1990” (BURKE, 2005, p. 45) com o avanço de “novos” campos da história motivados por historiadores da chamada Nova História Cultural. Segundo Vainfas (1997), a chamada Nova História Cultural ampliou suas linhas temáticas, “não rejeitou as expressões culturais das elites ou classes letradas, mas revelou um especial apreço pelas manifestações das massas anônimas: as festas, as resistências, as crenças heterodoxas” (p.149). Sua preocupação maior estava em resgatar o papel das classes sociais, da estratificação e dos conflitos sociais como objeto de investigação, o que a tornou uma disciplina plural.

O desenvolvimento da História Cultural despertou nos historiadores o interesse por “outros saberes”, visto que ao ampliar suas linhas de pesquisa, valorizou e deu visibilidade a atores sociais até então marginalizados da história oficial, apresentando assim, formas teóricas

mais conscientes. Esse novo contexto possibilitou o uso de novas fontes de investigação, novos métodos, estendendo o campo de atuação do historiador.

“A Nova História procurou dá enfoque à pluralidade das experiências humanas, ampliando as perspectivas históricas, evitando assim a simples narrativa estanque dos fatos. Além do direcionamento da pesquisa para tudo aquilo que é do construto humano. A Nova História Cultural alargou a noção de fontes históricas, possibilitando, ao pesquisador, chegar a temas como a festa dos Santos Reis considerada irrelevante pela história oficial e positivista”. (BRANDÃO, 2011, p. 18)

Essa reviravolta nos estudos culturais é resultado do crescente interesse acadêmico pela cultura. Autores como Peter Burke, Paul Thompson, Roger Chartier e Mikhail Bakhtin têm contribuído muito para o alargamento do estudo do cultural. Roger Chartier (1988) coloca que o objetivo principal da história cultural tem sido "identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler". ( p. 19)

Desse modo, a esfera da cultura tem se mostrado um lugar privilegiado para a análise dos sujeitos sociais nos diversos contextos, englobando “a importância de uma produção voltada para todas as atividades humanas” (BLOCH, 2001, p. 10). Por conta disso, o estudo das manifestações da cultura popular passou a ser alvo de interesse de historiadores culturalistas; e temáticas como festa, religiosidade e cantos populares têm sido objeto de pesquisa recorrente no campo acadêmico. Sendo assim, a história das sociedades passa agora a ser explicada também através da cultura.

Apesar do crescente número de pesquisas, tem sido um desafio para os historiadores e aqueles que se propõem ao estudo da cultura popular, pois na historiografia existem variadas formas de percepção e de entendimento sobre esse assunto. Embora o intuito aqui não seja o aprofundamento de uma discussão acerca do conceito de cultura, faz-se necessário examinar atentamente tal conceito, uma vez que estamos analisando uma festa popular. Historiadores como Peter Burke, Paul Thompson e Mikhail Bakhtin, cada um a seu modo, colocam que o referido termo está repleto de controvérsias e questionamentos. Segundo Peter Burke (2010), o termo “cultura”:

[...] tendia a referir-se à arte, literatura e música. [...] Hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade (BURKE, 2010, p. 22).

Burke (2010) coloca que o conceito de cultura foi comumente utilizado na Europa Moderna para fazer distinção entre as classes sugerindo que houvesse uma cultura reservada à elite (superior) e outra à classe subalterna (inferior), entretanto com o advento da história cultural, o termo passa por uma mudança de paradigma e inclui agora a história das ações ou noções subjacentes à vida cotidiana, um conceito chave para explicar questões da sociedade.

Paul Thompson (1998), em sua obra *Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*, coloca que ao utilizar o conceito de cultura popular é preciso estar atento às generalizações que o termo pode sugerir. Para o autor:

[...] cultura é um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema” ( THOMPSON, 1998, p. 17).

As reflexões de Thompson (1998) são importantes para o estudo da festa, pois além de evidenciar sua visão de cultura, nos orienta a utilizá-lo dentro de contextos históricos específicos, caso contrário, este pode desviar a atenção dos aspectos contraditórios existentes dentro do conjunto cultural.

Fabiane Andrade (2008) coloca que pensar a cultura popular nos remete a pensar uma diversidade de expressões e manifestações cotidianas que se desenvolvem em um grupo social que constantemente se relaciona com outros grupos sociais, o que nos impossibilita de dar limites estreitos para a cultura popular (p. 14).

Apesar de o termo cultura popular suscitar mais de um sentido, sua utilização faz-se necessária, uma vez que nosso objeto de pesquisa é uma festividade popular de caráter religioso, que representa uma tradição perpetuada pelos mais velhos através da oralidade, desenvolvida originalmente por grupos de cantadores de reis, constituídos por grupos de homens e mulheres, donas de casa, pedreiros, agricultores, que percorrem as ruas da cidade, cumprindo um ritual que se renova a cada ano.

O estudo da historiografia que fundamenta a temática trabalhada, as leituras e análises de obras relacionadas ao tema em questão foram fundamentais para situar o diálogo e melhor apreender o objeto examinado, principalmente as obras sobre as festas de reis, analisadas com o intuito de melhor compreender esse tipo de festividade, seus conflitos e significados. O

contato com essas obras suscitou novos questionamentos e mostrou novos caminhos a serem percorridos.

A metodologia utilizada na pesquisa baseia-se na história oral, recurso indispensável para a concretização desse trabalho. A fonte oral permitiu analisar os discursos e percepções daqueles que fazem parte dessa investigação, constituindo-se como um instrumento potencial dessa pesquisa. A pesquisa explora também outras fontes históricas, como o jornal local, fotos e vídeos cedidos por particulares, que possibilitaram analisar o contexto político, social, cultural e histórico do período em questão.

Durante a busca por informações sobre a Festa, conseguimos identificar a existência de três grupos de reis na sede do município e um na zona rural, porém não foi possível o contato direto com todos os grupos devido à dificuldade de comunicação. As entrevistas foram realizadas apenas com dois grupos de reisado: Grupo de Reisado Nossa Senhora da Conceição e Grupo de Reisado de Antônio do Bagaço. Estes foram peças fundamentais para que a pesquisa se desenvolvesse. Obtivemos informações dos outros ternos de reis através dos grupos supracitados e de materiais audiovisuais cedidos por terceiros. No decorrer da análise deste trabalho optou-se por não identificar os colaboradores pelos seus nomes legítimos, com o intuito de preservar a identidade de cada entrevistado (no caso dos reiseiros), passando assim, a identifica-los por nomes fictícios.

Os depoimentos orais possibilitaram à pesquisadora adentrar um pouco no universo festivo de seus participantes, descobrindo aspectos relevantes da história local, bem como da festa em estudo. Apontando indícios importantes das relações nela imbricados, tanto no que se refere à performance dos ternos de reis, como na atuação de grupos políticos locais ligados aos festejos.

A opção pelas fontes orais se deu não apenas por ser esta a via mais “fácil” de se obter informações sobre o estudo em questão, mas sobretudo, por ser este um meio privilegiado para o resgate da vida cotidiana, “de experiências, visões de mundo, representações passadas e presentes” (MONTENEGRO, 1994, p. 26). Segundo Montenegro (1994), à medida que o historiador passa a trabalhar com a memória coletiva e individual, esta se transforma em documento, adquirindo um novo estatuto ao serem socializadas, porém “a

diferença significativa é que a fala, a história e a representação não estão deslocadas dos sujeitos”. ( p. 27)

Thompson (1992) coloca que apenas a fonte oral permite ao historiador desafiar a subjetividade própria da percepção humana, pois possibilita “descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta” (p. 197). Não obstante, é preciso ter cuidado ao lidar com esse tipo de fonte, haja vista que nos depoimentos a memória histórica é resgatada a partir da própria experiência dos acontecimentos vividos, e é refletida e projetada conforme o valor e importância daqueles que a narram. Nesse sentido, pode sofrer alterações conforme o contexto social, político, econômico e cultural dos seus depoentes.

O foco do estudo está centrado na análise e observação das manifestações culturais e suas relações com o mundo sócio-político, buscando entender se a Festa tem sido utilizada como um espaço de manipulação política, a partir da análise das vivências coletivas dos participantes e dos símbolos concebidos na Festa de Reis.

Desse modo, as contribuições teóricas de Pierre Bourdieu (2011) são importantes para o entendimento do simbólico na Festa:

Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social e enquanto instrumento de conhecimento e comunicação, eles tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social. (BOURDIEU, 2001, p. 10)

Nesse sentido, a cultura e os seus sistemas simbólicos operam como instrumentos de poder, denominados por Bourdieu (2011) de poder simbólico, que podem auxiliar na dominação e legitimação política de uma classe sobre a outra.

Este estudo é realizado dentro de um recorte temporal compreendido entre os anos de 1989 e 2011, visto que é nessa época que o reisado de Araci começou a ganhar grande representatividade através do Poder Público Municipal, representado inicialmente por Edvaldo Pinho. Este tem um envolvimento pessoal com a referida festa, visto que o mesmo faz aniversário no dia 6 de Janeiro, e vai ao longo do tempo modificar a estrutura da mesma, confundindo a festa popular com a festa particular do seu aniversário, chegando até a mudar o nome em 2009, passando a chamar-se “Reis Fest”. Desse modo, verificaremos ainda qual o olhar dos grupos de reis frente às transformações ocorridas ao longo do tempo.

O trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo, examinamos com atenção as informações que se têm sobre a gênese das Folias de Reis através dos tempos, tentando perceber de que forma essa manifestação cultural chegou ao Brasil e as ressignificações que foi adquirindo. Apresentamos também o contexto no qual a festa foi desenvolvida, com o intuito de perceber, através das características locais, qual é o lugar que esta ocupa na sociedade e qual o espaço ocupado por seus foliões. Para isso, fizemos uma breve contextualização histórica, tanto da festa quanto da cidade, a fim de estabelecer paralelos e tentar situar a Festa no processo historiográfico local, mostrando que o estudo da festa não se limita apenas à análise dos aspectos festivos em si, mas também permite ao historiador compreender a estrutura e a dinâmica de uma sociedade em diferentes momentos. Ainda neste capítulo, discute-se a representação da Festa para os reiseiros e as peculiaridades de alguns elementos que compõem os grupos de reisado, como a figura do boi.

No segundo capítulo, intitulado *Festa, poder e devoção*, procura-se discutir as relações entre Igreja, reiseiros e autoridades políticas, analisando a utilidade social da religião católica a partir de uma observação cuidadosa das fontes, que permitiu analisar como cada grupo social utilizava aquele espaço religioso, pois percebeu-se que havia um jogo de interesses dentro do ambiente religioso, que na maioria das vezes ficava implícito. Outra questão abordada é a transformação da festa a partir da intervenção do Poder Público Municipal, agregando novos elementos, como bandas musicais, modificando assim a estrutura da mesma, conferindo-lhe novo formato. Discutem-se ainda os sentidos e imagem da Festa de Reis na imprensa local.

## **1 CENAS E CENÁRIOS DA FESTA DE REIS**

### **1.1 Gênese da folia de reis no Brasil e o ritual da folia de reis em Araci.**

Há uma grande dificuldade quando se tenta estabelecer quadros cronológicos sobre a origem das Falias de Reis, uma vez que não se tem conhecimento de registros que informem com precisão onde e quando essa tradição iniciou. O que pretendemos aqui é apenas examinar com cuidado e atenção as informações que se tem construído ao longo do tempo, bem como tentar perceber de que forma essa manifestação chegou ao Brasil e as ressignificações que recebeu.

Para tanto, tomaremos como base as ideias de Foucault, quando este discute a questão da genealogia e a história. Foucault (1979) enfatiza a importância de se pensar numa genealogia que saliente a singularidade dos acontecimentos, tornando os episódios históricos mais acessíveis, sem, no entanto, incorrer no erro de um postulado da origem voltado ao reconhecimento de uma história positivista que se preocupa em recolher a essência exata dos fatos, "sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo" (p. 18).

As ideias de Foucault (1979) são pertinentes, pois contribuem para uma melhor apreensão do que nos propomos fazer neste trabalho, uma vez que o autor contrapõe-se à ideia de uma pesquisa voltada à simples investigação da "origem" fechada em si mesma, sugerindo que façamos um estudo voltado a uma genealogia que contemple a história de forma mais detida, procurando assim as especificidades e particularidades que estão além da simples busca pela "verdade".

Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os espera e naquilo que é tido como não possuindo história - os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram (FOUCAULT, 1979, p. 15).

Partindo desse pressuposto, é possível perceber diferentes saberes e percepções, haja vista que essa forma de pesquisar nos possibilita sair da zona de conforto e tirar da conformidade aquilo que se mostrava imóvel; fracionando o que se entendia como um só, dando novo sentido e desvendando novos campos. O que pretendemos aqui é justamente isso, falar de uma gênese que englobe a compreensão das coisas ao seu redor, não de maneira oca e

desprovida de sentido, mas que proporcione o navegar em mares normalmente tão conhecidos e ao mesmo tempo tão estranhos, fazendo com que brote "nos lugares e recantos de sua síntese vazia, mil acontecimentos agora perdidos" (FOUCAULT, 1979, p. 20).

Pelo que se sabe, a festa em homenagem aos Santos Reis é de origem européia e chegou ao Brasil provavelmente no início da colonização. Conforme os estudos de Maria Célia da Silva Gonçalves sobre *As Folias de Reis de João Pinheiro* em Minas Gerais, na cultura ibérica, essa tradição é comemorada principalmente no ciclo natalino e nas comemorações da epifania. Porém, a autora, baseada nos estudos de Ferreira (2002), ressalta que o começo dessa crença é anterior à difusão do cristianismo, sendo possível associá-la aos cultos e festas pagãs comemoradas pelos romanos. Ainda citando Ferreira (2002), Gonçalves nos diz:

As folias remontam as festas de fundo religioso na antiga capital do Império Romano, estando ligadas aos rituais agrários e aos dos solstícios. Com a aproximação do solstício de inverno comemorava as chamadas Saturnálias: festejos em tributo ao Deus Saturno (GONÇALVES, 2010, p. 53-54).

As comemorações das Saturnálias remontam a uma antiga festa pertencente à religião romana, direcionada ao templo de Saturno. Segundo Alice Itani (2003), as celebrações festivas para comemorar as atividades agrícolas estão presentes nas civilizações mais antigas, nessas era comum os povos marcarem o tempo da plantação e colheita através de rituais festivos como forma tanto de agradecimento pela boa colheita, como também para pedir tempo bom para sementeira. Sobre esses rituais, a autora ressalta:

Observando os movimentos dos astros, as mudanças da Lua e as posições do Sol, as comunidades agrícolas utilizavam as festas como instrumentos de marcação e, concomitantemente, celebravam o tempo de semear e o de colher. No tempo de semear, realizavam-se celebrações sagradas de oferenda aos deuses nas quais se pediam proteção e bom tempo para plantação. No tempo do colher, os rituais eram com oferendas de agradecimento pelas boas colheitas (ITANI, 2003, p. 19).

Mary Del Priore (2000) coloca que a Igreja Católica ressignificou as antigas comemorações dos ciclos agrícolas, organizando os ritos festivos conforme os dias de festa destinados ao Senhor (referentes aos episódios da vida e morte de Cristo) e os dias em honra aos santos. Nesse sentido, a autora afirma:

As festas nasceram das formas de culto externo, tributo geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais. Mas com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem: a Igreja determinou dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festa, os quais formavam em seu conjunto o ano eclesástico (PRIORE, 2000, p. 13).



Seguindo essa perspectiva, Gonçalves (2010) afirma que mesmo com essas mudanças estabelecidas pela Igreja Católica as pessoas continuaram mantendo e difundindo crenças como as festas do solstício, das januais e das Saturnálias. Fato este que acabou impregnando a cultura romana e adjacências, e nem mesmo a expansão do cristianismo foi capaz de fazer com que os povos catequizados deixassem de comemorar tais crenças. Para a autora, o estabelecimento do calendário cristão promovido pelo Papa Júlio I, em 367 d.C., pode ter contribuído para que os povos vinculassem as suas tradições locais e crenças pagãs às celebrações cristãs, visto que o referido Papa:

[...] unificou o calendário cristão e fixou a data de 25 de dezembro para a festa do nascimento de Cristo e o dia 6 de janeiro para a celebração e adoração dos Reis Magos. Essas datas estão muito próximas das comemorações vinculadas aos cultos pagãos que permaneceram na Europa (GONÇALVES, 2010, p. 55).

Na Idade Média e na Idade Moderna, esse processo de criação do calendário cristão acabou por colocar nas mãos da Igreja Católica o controle sobre a organização do "tempo e do espaço dos homens" conforme os interesses de padres, papas e reis. Estes, por sua vez, regulavam e "definiam a seu modo a duração, como o ano, a semana, seguindo interesses econômicos e culturais" (ITANI, 2003, p. 28).

Como podemos notar até aqui, os festejos em honra aos Santos Reis não surgiram por acaso, foram se desenrolando ao longo do tempo envoltos em uma gama de acontecimentos históricos, permitindo-nos perceber que não se trata de uma simples manifestação popular ressignificada "ingenuamente" pelo povo, mas de um evento aglutinador de sentido, com sua trajetória marcada por disputa de poder e legitimação cultural/religiosa, que por muito buscou a promoção de interesses diversos, resultando no que conhecemos hoje como uma tradição de cunho profano-religioso que vigora até os dias atuais em vários países, tais como "França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Itália, Espanha, Portugal, entre outros" (GONÇALVES, 2010).

No que concerne às origens dos festejos em honra aos Reis Magos no Brasil, Vera Lucia Pergo, em seus estudos sobre *os rituais na folia de reis: uma das festas populares brasileiras*, coloca que essa manifestação cultural era realizada por toda a Península Ibérica e teria surgido no Brasil provavelmente no século XVI por meio dos jesuítas, que queriam inculcar como crença divina para catequizar os índios e posteriormente os negros escravizados. Segundo Gonçalves, há um indício forte que justifica o início do culto aos Santos Reis ainda no século XVI. De acordo com a pesquisadora, a prova disso está no fato de que foi fundado

em 06 de janeiro de 1598, o Forte dos Reis Magos, em Natal (RN), este acontecimento comprova o começo da devoção aos Reis Magos no Brasil.

As folias brasileiras ganharam um caráter religioso bastante forte, uma vez que eram utilizadas pelos jesuítas como forma lúdica (com as músicas e o drama) para catequese de colonos portugueses, índios, negros escravos e mestiços. De fato, é a base católica européia que dá origem às celebrações em diversas partes do mundo, mas em solo brasileiro sua prática ritualística sempre retorna à origem, porém não é sustentado isoladamente por ela, pois sofre forte influência de outras culturas e do processo de miscigenação (BARRETO, 2012). Em face de acontecimentos como estes, as Folias vão sendo ressignificadas ao longo do tempo, perdendo assim "as características de festejar o solstício ou as janeiras, tendo como foco de celebração a festa cristã do nascimento de Cristo" (ANDRADE, 2008, p.28), embora o divertimento seja um ponto forte e motivador para muitos de seus participantes.

Como já foi dito, ao longo do tempo foram sendo incorporadas as festividades aos Santos Reis formas variadas de festejar. Fato este evidenciado por Brandão (2011), ao analisar a Festa de Santos Reis em Aldeia, distrito de Governador Mangabeira - BA. Brandão acredita que ao se espalhar por várias regiões da colônia, as Folias de Reis foram sendo ressignificadas conforme iam se desenvolvendo, agregando elementos típicos de cada região, adquirindo assim características próprias. Para o autor, a influência de elementos regionais e locais nas celebrações festivas contribuiu muito para que tal festejo recebesse denominações diversas, tais como: "folia de reis, cortejo de reis e em Aldeia, Festa dos Santos Reis" (p. 50). Fabiane Andrade (2010) também percebeu essas ressignificações na forma de festejar o Terno de Reis Humildes em Alegria, em Santo Antônio de Jesus - BA, visto que o Terno não fazia os tradicionais giros, mas apenas visitas pré-estabelecidas às casas, levando à frente o estandarte do grupo. Desse modo, não dá para pensarmos as Folias de Reis como se fossem manifestações homogêneas, pois estas carregam consigo uma diversidade enorme de elementos que as diferenciam uma das outras.

O ritual das Folias de Reis é bastante complexo, sendo difícil de ser definido. Não dá para determinar um modelo geral para tal celebração, uma vez que adquire elementos variados das regiões que se desenvolve. Segundo Querino, citado por Fabiane Andrade (2010), as festas em honra aos Santos Reis que se desenrolavam na Bahia se davam de maneiras diversas, tendo grupos de reisado que 'faziam a costumada adoração e depois

desfilavam com entusiasmo aos lugares destinados', bem como festividades que se desenvolviam com a presença de elementos típicos do folclore popular, como a burrinha e o bumba-meu-boi que se mesclavam aos festejos e desfiles do dia de Reis (2010, p. 29).

Como sabemos, a Festa em honra aos Santos Reis é um auto popular que procura relembrar a jornada dos reis magos: Baltasar, Melchior e Gaspar, a partir do momento em que eles receberam o aviso do nascimento de Cristo. Por buscar homenagear figuras sacras, apresenta um caráter profano-religioso, fazendo parte do ciclo natalino, iniciando suas comemorações no dia 24 de dezembro e encerrando no dia 6 de janeiro. Porém em Araci, diferentemente da tradição, as comemorações começam no dia primeiro de janeiro e encerram oficialmente no dia seis do mesmo mês, havendo ternos que ultrapassam o dia seis, chegando a brincar o Reis até o dia doze de janeiro, como fica evidenciado na fala de dona Firmina<sup>1</sup> :

"o povo gosta, nois esse ano mesmo, nois cantou o que? 12 noites. Se fosse pra ir pra 20 noites, se a gente guentasse, a gente tinha ido, porque o povo fica só com queixa que a gente não foi. Ah! Vocês não foram lá em casa. Só que a gente não guenta"<sup>2</sup>.

Conforme a memória local, os festejos de Reis em Araci eram desenvolvidos por grupos da sede e zona rural, tendo um ou mais organizadores que ficavam responsáveis em traçar o trajeto da visitação das casas que o grupo teria que percorrer, além de serem responsáveis por organizar os ensaios e elaborar as vestimentas. O trajeto geralmente era bem definido anteriormente com um roteiro "baseado nas relações de amizade e no grau de prestígio social dos visitados, sendo que o primeiro pesava muito mais que o segundo" (OLIVEIRA, 1986, p. 01).

A visitação das casas se dá em torno de um ritual: obrigatoriamente ao chegar à casa escolhida, que normalmente está com a porta fechada, é entoado o canto que relata a trajetória dos Reis Magos, conhecido como Reis de chegada. Depois que a porta é aberta, os reiseiros são convidados a entrar. Dentro da residência, cantam-se outros ritmos, como a chula, o

---

<sup>1</sup> Nome fictício. Optou-se por não identificar os participantes dos grupos de reisado pelos seus nomes legítimos para preservar suas identidades.

<sup>2</sup> Entrevista concedida em 19 de agosto de 2012.

samba e o batuque. Em algumas casas, entre uma música e outra, servem-se comida, bebida; em outras é oferecido dinheiro. Sobre essa ritualística, Seu Zé<sup>3</sup> nos fala:

Quando a gente chega na casa do cliente, sabe, canta o reis e depois uma chula dentro de casa, depois aí encerra, vamos pra aquela ali. Chega ali a gente canta o reis, quando a dona da casa abriu a porta nois da uma sambada ali dentro, depois canta um batuque lá, depois sai pra outra casa novamente. E é assim, dali daquela casa já tem outra casa pra gente ir, quando a gente chega lá o grupo da gente, vinte pessoas no nosso né, os cantadores, os ajudantes tudo, chega na casa ali, ai canta o reis, ela simplesmente abre a porta, aí nois entramos pra dentro, cantamos uma chula ali, depois canta um batuque, a derradeira saímos. É assim de casa em casa<sup>4</sup>.

Através desse relato podemos perceber que há nesse ritual uma recorrência nas atividades desenvolvidas pelos grupos. Bitter (2010) coloca que a repetição é uma característica das Folias de Reis, entretanto, esta não é percebida de forma negativa pelo autor:

As repetições visam, assim, a reiterar, reafirmar laços de solidariedade e de conexão com os Magos. Visam, sobretudo, a confirmar sua presença periódica entre os homens. Evidentemente, a repetição não implica que todas as jornadas e visitas sejam idênticas. Repetir não é fazer igual, é fazer novamente e sempre de modo diferente. (BITTER, 2010, p. 46)

Seguindo essa perspectiva, entendemos a repetição na ritualística das folias de Reis de Araci, não como algo enfadonho, cansativo, mas algo capaz de se renovar, de se recriar, pois a cada visita novos encontros são realizados, com pessoas diferentes que possuem maneiras distintas de celebrar, com intenções, gestos e desejos particulares que se misturam com o todo.

Em seu formato original, a festa acontecia apenas com o ritual da visitação nas casas, com os cantadores de reis tocando seus instrumentos e cantarolando pelas ruas da cidade, sempre acompanhados das figuras do boi, mulinha, vaqueiro e fateira espalhando alegria por onde passavam. Era organizada pelos próprios moradores, que se incumbiam da ornamentação dos animais, vestimentas e acessórios.

A imagem a seguir deixa nítido o caráter humilde da festa. Através das vestimentas e acessórios, é possível perceber a simplicidade do grupo e a falta de recursos para a confecção

---

<sup>3</sup> Nome fictício. Optou-se por não identificar os participantes dos grupos de reisado pelos seus nomes legítimos para preservar suas identidades.

<sup>4</sup> Entrevista concedida em 26 de agosto de 2012 .

de fantasias mais pomposas. Provavelmente colocavam as suas melhores roupas para sair no cortejo.



**Figura 1: Grupo de cantadores de reis. Fonte: Acervo do Centro Cultural de Araci, 1976.**

Hoje, as visitas nas casas acontecem do dia primeiro ao dia cinco de janeiro, pois o dia seis - ponto alto da festa - é reservado às apresentações na praça principal da cidade, Praça Nossa Senhora da Conceição, local onde grupos de reisado e bandas eletrônicas dividem espaço. No formato original da festa, não havia a presença de tais bandas, mas somente as apresentações dos reiseiros. Provavelmente a inserção das bandas e grupos musicais tenha acontecido a partir da década de 1990, quando o Poder Público Municipal passou a interferir mais diretamente nos festejos.

O processo para a produção da festa exige dedicação e disponibilidade, pois toma conta das atividades habituais dos membros dos ternos que, por muitas vezes, tem que adequar ou parar o que está fazendo para se dedicar aos preparativos da folia. A filha de uma organizadora de grupo de reisado, ao rememorar a trajetória de sua mãe no Terno de Reis Ouro Preto, relata o desenrolar dos preparativos:

“no dia 25 de dezembro, dia de Natal, ao invés de nós está comemorando o Natal, nós estávamos preparando a festa. Saía cantando o Reis a partir do dia primeiro, de casa em casa. Era uma paixão da vida dela. Ela podia trabalhar o dia todo, ela podia tá doente, mas se dissesse: tem o samba de reisado. Ela tava lá, ela sambava a noite todinha e não se cansava não”.<sup>5</sup>

Neste fragmento é possível perceber a quebra na rotina diária dos participantes, que em nome da "paixão" pela arte de foliar, reconfiguram suas vivências e fazem-se presentes mesmo com o cansaço do trabalho, "tendo em vista que o espaço da festa permite os excessos que não cabem na vida diária" (BRANDÃO, 2011, p. 75). Não se deixam abater, se esforçam ao máximo, e até abdicam de outros eventos para que a festa aconteça.

No ritual festivo dos Ternos de Reis de Araci, encontramos a presença de elementos típicos da cultura local. Cada terno possui um boi<sup>6</sup>, conhecido como boi de janeiro, figura marcante que faz a alegria de crianças, jovens e adultos com suas encenações e investidas contra os espectadores. Alguns grupos possuem a mulinha, elemento que não tem a mesma expressão que o boi, mas que "acompanha o terno dançando meio apagada" (OLIVEIRA, 1986, p. 03). Outros ternos já possuíram um animal chamado jaguará<sup>7</sup>, hoje inexistente, personagem exótico que assustava as pessoas com o ranger dos seus dentes. Existe também a figura do vaqueiro e da fateira<sup>8</sup>, estes últimos, assim como o boi, estão presentes em todos os grupos de reisado. Na fotografia a seguir, é possível verificar com maior riqueza de detalhes os elementos supracitados.

Esses elementos acabaram tornando-se característica marcante dos grupos de Reis, principalmente no que se refere à figura do boi, que na cidade é bastante querido e ao mesmo tempo temido pela população. Sobre esse aspecto, Luiz Santana nos fala:

---

<sup>5</sup> Este relato foi retirado do documentário produzido pela Secretaria de Cultura de Araci, em 2013.

<sup>6</sup> O boi era confeccionado com uma armação de madeira (hoje a maioria usa ferro) que imita a estrutura óssea do animal. Esta por sua vez é recoberta por um longo tecido barato enfeitado com fitas coloridas ou flores confeccionadas manualmente.

<sup>7</sup> O jaguará era um animal confeccionado também por uma armação de madeira coberta por tecido barato, com um pescoço longo e uma cabeça de cavalo.

<sup>8</sup> O vaqueiro e a fateira possuem vestimentas específicas. O traje do vaqueiro é constituído basicamente por: calça jeans; camisa, normalmente feita com o mesmo tecido das peças dos demais integrantes do grupo; gibão e chapéu de couro. A fateira é um homem vestido com roupas de mulher, lenço amarrado na cabeça e o rosto pintado. Cumpre a função de fazer arrelia ao boi, arrastando uma tampa de panela no chão.

Araci tem uma especialidade de que o boi enraba as pessoas, mexe com as pessoas, não deixa ninguém quieto. Nos outros lugares não, não conheço nenhum outro lugar em que nessa festividade o boi de janeiro, o boi mexa com a população. Mas aqui não, aqui eu cresci vendo o boi enrabando a população, brincando com a população, mexendo com a população, e muita gente ficava com medo da figura do boi, e ainda hoje<sup>9</sup>.



**Figura 2: Elementos que compõem o reisado: vaqueiro e fateira sentados à frente do boi e mulinha, 2012.**  
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As festas de Reis, assim como outras festas, carregam consigo uma série de representações do social, que fazem sentido para seus participantes, uma vez que estes se apropriam delas e criam um novo significado. Segundo Fabiane Andrade, "as festas, mesmo as tradicionais, são apropriadas pelos indivíduos que as ressignificam a partir de seus interesses e possibilidades" (ANDRADE, 2008, p. 13).

Marta Abreu (2002) também percebeu esse ressignificar na forma de festejar ao pesquisar sobre a festa do Divino, no Rio de Janeiro do século XIX. De acordo com a autora,

---

<sup>9</sup> Luiz Oliveira de Santana, entrevista concedida no dia 19.03.2012. Coordenador da Oficina de Artes e do Ponto de Cultura da Cidade.

todos de alguma maneira encontram algum sentido em participar da festa, seja criando ou recriando elementos:

Assim, os homens e mulheres que organizam e comparecem às antigas festas do Divino Espírito Santo encontraram algum sentido para a vida naqueles velhos símbolos cristãos. Ao mesmo tempo, jamais deixaram de imprimir os seus próprios desejos e paixões, criando e recriando novos sentidos para aquelas manifestações. As festas, afinal, pertencem ao contexto social que as comemora e produz, impondo seus próprios impulsos e cores (ABREU, 2002, p. 252).

A figura do boi ocupa um lugar de destaque nos grupos de reis de Araci, e transformou-se numa característica peculiar dessa festividade graças a sua forma de atuar e se relacionar com o público. Por onde o boi passa, chama a atenção e curiosidade das pessoas. Essa figura é tão marcante nesse evento, que por muito tempo essa festividade ficou conhecida na cidade e região como Festa do Boi de Janeiro, e até hoje, mesmo ganhando outras nomenclaturas, muitos ainda se reportam a ela dessa forma.

Nota-se que os depoentes, ao rememorem suas trajetórias tanto de participantes do grupo, quanto de espectadores, sempre deixaram transparecer que a figura do “boi janeiro” é um elemento de caráter extremamente ambivalente, capaz de proporcionar o divertimento e ao mesmo tempo despertar o medo na população, como relembra Dona Bela<sup>10</sup>, participante do grupo Reisado Nossa Senhora da Conceição:

Ah! gostava muito. Todo dia quando chegava o ano, a gente ia naquela animação. A gente ia, papai e mamãe também gostava de ir, mais a gente ia, mais ficava com medo né!? Tinha aquela ganância de ver as coisas, mais ficava com medo. Quando via o boi, corria [risos], aí sambava. Eu mesma entrava no salão, sambava mais as meninas, eu toda vida gostava de sambar né!? Desde pequenininha. Aí ficava, sambava por ali, aí depois vinha o boi, agente entrava no mundo correndo [risos]. Sempre eu gostei dessa brincadeira. Tinha o boi, tinha guará nessa época<sup>11</sup>.

A arrelia que o boi faz nas ruas da cidade vem desde o início dessa festividade e desperta inquietação não só dos populares, mas também das autoridades locais, que não viam com bons olhos a maneira como o boi fazia suas exhibições. Há relatos de que, entre as décadas de 60 e 70, o grupo de reisado juntamente com o boi não podiam se apresentar em algumas ruas da cidade, pois "o delegado proibiu e estipulou o horário e onde se

---

<sup>10</sup> Nome fictício. Optou-se por não identificar os participantes dos grupos de reisado pelos seus nomes legítimos para preservar suas identidades.

<sup>11</sup> Entrevista concedida no dia 28.08.2012. Participante do Reisado Nossa Senhora da Conceição.



apresentavam" <sup>12</sup>. Segundo Carlos Mota, memorialista da cidade, o motivo da proibição e determinação de horário e local "adequados" para as apresentações dos grupos de reisado eram atribuídas ao "perigo" que as encenações do boi representavam. A esse respeito, Carlos Mota comenta:

[...] a questão do boi era o seguinte: o cara debaixo do boi, ele tava sem enxergar e ele tava meio bêbado, e aí ficar debaixo daquele troço carregando e correndo não era mole não, né!? Era preciso que raça tivesse... e aí ele fazia o papel do boi, você chegava perto e ele sacudia a cabeça com a ponta e aí podia lhe furar, né!?. Então foi por isso que houve alguns casos que o delegado proibiu, saía assim com horário já pré-determinado<sup>13</sup>.

É pertinente evidenciar este aspecto conflitivo para se refletir sobre o outro lado da festividade. Geralmente quando se pensa em festa, logo vem a ideia de um espaço de diversão, da distração, da troca de experiências, de um momento de confraternização e comunhão entre as pessoas. E muitas vezes esquece-se de pensá-la como um espaço onde se pode perceber tensões e conflitos aos quais as pessoas estão submetidas, bem como um espaço onde "transita a ordem e a desordem" (BITTER, 2010).

A ideia é mostrar que mesmo se tratando de uma festividade com tom religioso, a Festa de Reis em Araci também pode reunir em torno de si, adeptos, perseguidores e opositores; conflitos e tensões. Não é de hoje que as festas causam algum tipo de desconforto em alguns grupos sociais. No período imperial, muitos festejos eram rigidamente regulados e vigiados em defesa da moral e da ordem, principalmente se estes estivessem associados aos negros e aos pobres. Abreu e Viana (2009), em seus estudos sobre festas religiosas no período imperial, falam da atuação da câmara de vereadores como instituição responsável pela vigilância e manutenção da ordem. Segundo as autoras, as câmaras de vereadores atuavam na formulação e cobrança das posturas, geralmente de mãos dadas com a polícia e seus regulamentos. Se as festas tinham que existir, precisavam de licenças que autorizassem o período, o local e a forma de sua realização (p. 238).

Como pode-se notar, o ambiente festivo é capaz de transmitir inúmeros significados e interpretações que permitem perceber a relação indivíduo/sociedade em diferentes épocas. As festas têm essa capacidade de deixar imprimir essas realidades cotidianas por meio dos seus

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Carlos Raimundo Mota, 88 anos, em 27 de agosto de 2012.

<sup>13</sup> Entrevista concedida por Carlos Raimundo Mota, 88 anos, em 27 de agosto de 2012.

rituais simbólicos. Segundo Bakhtin (2008), a festa como objeto de estudo possibilita entender a dinâmica de uma sociedade, suas experiências e expectativas, bem como os múltiplos significados que dela provém. Para o autor o sistema de imagens da festa popular é arma poderosa na apreensão artística da realidade e serve de base para captarmos a realidade não de uma forma vazia, instantânea, desprovida de sentido e fragmentária, mas no seu processo de devir com sentido e orientação que ele adquire (BAKHTIN, 2008).

Nesse curto passeio que fizemos, tentamos mostrar não a busca da possível "gênese" das Folias de Reis, fechada e insensível aos episódios históricos, mas tentar fazer aquilo que Foucault nos propõe, que é diagnosticar e "reconhecer os acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mal digeridas, [...] suas rachaduras e suas resistências [...] (FOUCAULT, 1979, p. 19). Salientando, ainda que timidamente, que a trajetória histórica das Folias de Reis não é constituída somente do conagraçamento das tradições, mas que também está repleta de conflitos, relações de poder e interesses diversos.

## **1.2 Gênese da Festa no cenário local**

Analisar os festejos aos Reis Magos em Araci requer uma dedicada atenção ao cenário no qual a referida festa foi sendo desenvolvida, para possibilitar a compreensão do lugar que esta ocupa na sociedade araciense, bem como depreender através das características locais, os espaços ocupados por seus integrantes, no sentido de tentar desvendar suas vivências cotidianas em coletividade, crenças e valores.

Montenegro (1994) destaca que "o espaço onde se constrói uma cidade nos convida para o reconhecimento de um espectro infinito de determinações/relações. É nesse plano intrincado que homens, mulheres, crianças, velhos e velhas estabelecem, projetam, realizam suas vidas" (p. 09).

Nessa perspectiva, buscar-se-á contextualizar a história do município a partir do livro de Maura Mota de C. Lima (1985), tentando estabelecer paralelos entre as lembranças dos participantes e memorialistas em relação à gênese da referida festa e a história oficial da fundação da cidade.

Neste trabalho, as memórias ocupam lugar de destaque, pois se constituem como fonte primordial dessa pesquisa, apesar de se tratar de uma fonte capaz de despertar controvérsias por conta do caráter múltiplo das narrativas.

A memória oral, assim como o documento escrito, constitui-se numa colcha de retalhos que para ter seus pedaços articulados, é preciso encontrar o fio condutor associado a um esforço de interpretação do pesquisador [...] tendo em vista que a memória é dinâmica e o ato de lembrar não significa trazer à tona os fatos como aconteceram, pois a memória é seletiva, e rememorar é sempre trazer um ato do presente influenciado pelas questões do presente (BRANDÃO, 2010, p. 04).

Embora parta do real, de situações, de acontecimentos, a memória está sempre se reelaborando conforme o contexto social, político e econômico em que as pessoas estão inseridas.

A versão oficial da fundação de Araci está permeado de uma memória voltada à exaltação aos grandes feitos heróicos do fundador da cidade, o Capitão José Ferreira de Carvalho, que teria chegado à localidade em 1812. Este teria adquirido essas terras do Sr. Paulo Rabelo, que vendera "umas vinte léguas de terra quadrada" (Lima, 1985, p. 15) lugar que hoje é conhecido por Araci.

No livro de Lima (1985), obra de caráter memorialista, consta ainda que em um determinado local, que atualmente é um povoado da referida cidade, denominado de Rufino, já era habitado por antigos moradores, que estavam resistentes à tomada de suas terras e que foram expulsos pelo então desbravador. Nas palavras de Mota, José Ferreira enfrenta com "intrepidez e coragem", esses antigos moradores chegando a ser alvejado com um tiro, e depois de muita luta consegue alcançar a vitória. Segundo Lima (1985), "José Ferreira tinha por lema colonizar terras, abrir estradas, construir propriedades" (p. 18).

Nos relatos da história de Araci, é notório o tom de fábula da autora, que fazendo uso do imaginário, tenta transformá-lo em uma representação do real. No livro, a autora tenta registrar e documentar a própria história e manter viva a memória de seus antepassados, uma vez que esta descende da família do fundador da cidade.

A propagação desse mito está presente não só no livro de Maura Mota, mas também na letra do hino da cidade, música essa que expressa a necessidade de continuar difundindo a história oficial do município atrelada aos grandes acontecimentos heróicos do fundador e sua família, como podemos perceber no fragmento da letra a seguir:

"Tua história Haveremos de Honrar,  
Inspirado no amor-gratidão,  
Aos pioneiros do teu bem-estar,  
Benfeitores da tua ascensão"<sup>14</sup>.

Desse modo, podemos notar como é grande o mito entorno do fundador da cidade. Segundo Foucault (1979), o mito da origem reaparece quase sempre com uma concepção de que no começo todas as coisas eram perfeitas, que elas saíram das mãos do criador de forma brilhante. Nesse sentido, "a origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo; ela está do lado dos deuses" (p. 18), daí a necessidade de narrá-la sob a forma de mito. Lima, ao relatar a origem do município, dá maior destaque e visibilidade aos feitos do fundador, sua família e descendentes, ocultando da história local a existência de outros grupos sociais, como bem nos fala Maria Jaciane F. Guimarães (2011), em seu trabalho sobre as festas dos negros em Araci:

Assim como a memória histórica brasileira oficial esteve por muito tempo centrada nos grandes acontecimentos políticos e nos homens brancos, também a memória histórica oficial de Araci assenta-se no pioneirismo desbravador do Capitão José Ferreira de Carvalho e sua família em 1812 ano de sua fundação. [...] centra-se nos feitos da família tradicional local fazendo raríssimas alusões a outros grupos que povoaram e construíram a localidade (Guimarães, 2011, p. 10).

Na história do município, há uma carência de maiores informações sobre a existência de outros grupos sociais. Guimarães (2011), ao pesquisar sobre a presença negra na cidade, percebeu a ausência de informações sobre o referido grupo, pois a obra de Lima, única obra historiográfica oficial existente até o momento, menciona apenas a chegada dos escravos junto ao seu dono, José Ferreira, além da participação destes na construção de uma capela, e de um feito considerado importante, realizado por um de seus escravos.

O trabalho de Guimarães (2011) traz contribuições muito importantes para esta pesquisa, pois além de ter como objeto de estudo a festa dos Negros em Araci, traz uma visão ampliada das formas como os espaços culturais foram sendo apropriados, servindo, muitas vezes, de palco, de disputas e afirmação. Guimarães (2011) aborda de forma inovadora a trajetória de grupos até então marginalizados da história, passando a dar destaque à atuação

---

<sup>14</sup> Hino de Araci. Encontrado em <http://araci.ba.gov.br/cidade/hino-araci>

desses sujeitos no tocante a suas lutas cotidianas e de resistência, tirando-lhes do anonimato, colocando-os como sujeitos ativos da história.

Saber a respeito da atuação de outros grupos sociais, e em especial a trajetória da população negra da cidade é pertinente para compreendermos mais um pouco sobre o universo ao qual foram desenvolvidas as folias de reis no município, uma vez que, segundo a memória local, se trata de uma festa constituída originalmente por descendentes de ex-escravos. De acordo com as memórias dos entrevistados, os festejos do dia de Reis foram organizados por uma descendente de ex-escravos chamada Maria Gervásia, conhecida como Maria Pretinha, provavelmente na década de 1940. Conta-se que Maria Pretinha teria importado essa cultura do município de Alagoinhas - BA, após visita a esta localidade, embora há quem considere que o início dos festejos esteja atrelado à história de fundação da cidade.

Segundo Ana Nery Fátima C. Silva (2010), em seu trabalho sobre *a história da cultura de Araci*, as raízes dos festejos aos Santos Reis remontam ao ano de 1815, quando os escravos de José Ferreira de Carvalho, fundador da cidade, resolveram construir um boi para se divertirem em um grande samba nos terreiros. Entretanto, há controvérsias em relação à origem dessa festa, pois existem pessoas que discordam dessa versão por conta de não haver nenhum tipo de documento que comprove a veracidade dessa história.

É importante ressaltar que o intuito desse trabalho não é a busca pela verdade, ou mesmo por um modelo uniformizado da história, mas perceber através das narrativas, as construções que foram sendo desenvolvidas ao longo do tempo, e que de alguma forma traduzem as várias maneiras de perceber o festejo, fato este que nos permite destacar, sempre que necessário, as controvérsias e divergências que delas emergem. Nesse sentido, Gonçalves (2010) chama atenção do pesquisador que se utiliza da história oral como fonte de pesquisa, pois para ela, o pesquisador:

Deve estar atento para o fato de que a memória do entrevistado sempre parte do presente e é desencadeada por situações do cotidiano; por tanto o conceito de verdade precisa ser relativizado, lembrando que em muitas situações as falas dos entrevistados entram em contradição com a de outros e até mesmo a sua própria (GONÇALVES, 2010, p. 176).

Em entrevista com Luiz Santana, o mesmo deixou explícito que discorda sobre essa questão da origem do reisado defendida por Silva. Segundo ele:

José Ferreira, ele chegou realmente em Araci com os escravos, mas é um processo assim que não tem registro, até mesmo porque o próprio livro que tem hoje é o livro de Maura que não tem ainda esse registro dessa forma [...] o que tem são várias pessoas que conversam como Seu Antônio do boi, que tem a oportunidade de passar adiante essa história. Essa história do reisado em Araci, ela é construída basicamente anos luz depois do surgimento da cidade, é depois que José Ferreira passa e algumas décadas depois que se conhece como registro que a gente tem de Ciana, de Gervásia, na década de quarenta, que trazem isso pra Araci<sup>15</sup>.

A mesma opinião a respeito da origem do reisado em Araci é perceptível na fala de Carlos Mota, quando o mesmo diz:

Essa festa do boi de janeiro, ela começou justamente por um pessoal que são parente de uma mulher gordona que mora na Rua Antônio Oliveira Mota. [...] Maria Pretinha, era pretinha mesmo, pretinha como essa bolsa aí, ou mais preta ainda. Maria Pretinha era muito conhecida aqui. E Maria Pretinha veio com esse negocio dessa festa de reis trazido de Alagoinhas. Foi a origem de Maria Pretinha, foi lá de Alagoinhas e ela que fez a festa aqui [...] o autor mesmo foi o marido de Maria Pretinha, e o marido dela chamava Vavá, era pedreiro<sup>16</sup>.

É interessante observar que as narrativas acima citadas, além de divergirem da versão descrita por Silva (2010) e nos darem outra versão para a origem da Festa de Reis em Araci, também nos possibilita perceber a forte presença negra na cidade, pois para além da possível veracidade da sua gênese, há nas duas linhas de pensamento a mesma opinião: a de que a festa era constituída essencialmente por negros, possuindo características da herança africana; e que essa festividade estava atrelada às camadas mais pobres.

Sabemos que as festas aos Reis Magos são desenvolvidas principalmente, mas não exclusivamente, por pessoas de baixo poder aquisitivo e se destacam por vários lugares onde tem gente pobre e cristã, constituindo-se numa festa tipicamente do povo (Andrade, 2010). Fabiane Andrade (2010), ao descrever os festejos aos Reis Magos realizados pelo Terno de Reis Humildes em Alegria, chama a atenção para os aspectos econômicos dos integrantes do terno, pois as análises acerca do grupo possibilitou a autora perceber a pouca condição financeira de seus integrantes, características essas presentes no próprio nome do grupo e nas canções entoadas por ele, que, segundo a autora, os participantes faziam questão de destacar.

Nessa mesma perspectiva, Alex Brandão (2011), ao discorrer sobre o início da folia de reis na Comunidade de Aldeia, percebeu que a festa era caracterizada pelos seus integrantes

---

<sup>15</sup> Luiz Oliveira de Santana, entrevista concedida no dia 19.03.2012. Coordenador da Oficina de Artes e do Centro de Cultura da Cidade.

<sup>16</sup> Entrevista concedida por Carlos Raimundo Mota, 88 anos, em 27 de agosto de 2012.

como sendo festa de pobre, uma vez que seu principal organizador era denominado pelos participantes da folia como "fraco", expressão essa que evidencia o status de pouca representatividade econômica de seu organizador. A condição social dos integrantes dos grupos de reisado também foi constatada por Gonçalves (2010), que encontrou um percentual de 98% de foliões de baixa renda nas Foliás de Reis de João Pinheiro. Para a pesquisadora, participar dos eventos de folias de reis é muitas vezes "sinônimo de criar estratégias de alternativas às condições sociais. Uma vez que muitos foliões são pessoas de baixa renda, o saber foliar traz uma maior visibilidade na sociedade, fazendo com que eles passem a ser convidados a cantar nas Festas de Reis" ( p. 117).

Ao examinar com atenção as entrevistas com os integrantes dos grupos de reisado, percebemos também que se tratavam de indivíduos de poucas condições econômicas, fato este que se evidencia na fala de Dona Firmina:

Em São Paulo mesmo, eu acho que sou modelo, tá cheio de retrato. Em Brasília, que o Teco veio aqui tirar retrato... É, a gente é fraquinho, mas é fraquinho com amor, todo mundo adora. É uma brincadeira que a gente não gosta de bagunça. Se quiserem caçar confusão, a gente dá um jeito de cortar né!? Pra não crescer a confusão<sup>17</sup>.

Através desse relato, é possível perceber o poder que as festas têm de proporcionar prazer e alegria em meio às mazelas da vida, e de ao mesmo tempo unir os diferentes em torno de um objetivo comum: a descontração. Além de deixar transparecer o modo como os sujeitos se vêem; se representam.

O conceito de representação está sendo pensado conforme as ideias do historiador Roger Chartier (1988). Este coloca que a noção de representação constitui-se como perda angular para aqueles que se propõem ao estudo da história cultural, pois ajuda a compreender o funcionamento de uma sociedade, assim como permite entender os significados simbólicos das práticas que visam o reconhecimento de uma identidade social e a percepção de mundo de grupos, classes ou comunidades.

Seguindo essa perspectiva, procuramos perceber na Festa de Reis a forma como os atores sociais traduzem as suas posições e interesses e a maneira como descrevem suas experiências e expectativas. Tendo em vista que através da festa é possível perceber "a forma

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida em 19 de agosto de 2012. Participante do terno de reis de Antônio do Bagaço

como os diversos grupos sociais se relacionam e se vêem a si mesmos" (TELLES, 2000, p. 52). Para Cunha, as festas são:

Capazes de exprimir a identidade profunda das sociedades, [...] deixa de ser humildemente histórico e particular, para transformar-se em meio privilegiado pelo qual as sociedades, em qualquer tempo ou lugar, realizam rituais de inversão, deixam fluir suas tensões, reafirmam suas normas e exibem sua identidade coletiva (CUNHA, 2001, p. 311).

Esses momentos festivos são esperados e desejados pelos participantes que se doam e se identificam, fazendo com que se desprendam da realidade, mesmo que seja por alguns instantes. Nessa perspectiva, ao analisar os festejos de Reis em Conceição do Coité, Fabiane Oliveira (2010) percebeu que é através da festa e da própria localidade que os moradores se identificam e expõem as práticas construídas cotidianamente, que se reconhecem enquanto pertencentes a um espaço que é seu e ao mesmo tempo é compartilhado com tantos outros (p. 11).

Entender o grau de envolvimento dos participantes dos grupos de reisado com a respectiva festa implica em compreender o universo social ao qual estão inseridos, a condição social, o cenário em que o grupo se desenvolveu; pois só assim poderemos traçar um paralelo entre as práticas e manifestações culturais e o seu mundo social.

Araci é uma típica cidade do interior, que foi povoada no início do século XIX por conta da emergência das atividades nas áreas da pecuária e agricultura em fins do século XVIII. Localizada na Região Sisaleira, era conhecida como Fazenda do Raso<sup>18</sup>. Seus desdobramentos político-administrativos apontam que antes da emancipação, Araci pertenceu à cidade de Tucano. Em 12 de dezembro de 1890, se desmembrou e recebeu o nome de Vila do Raso.

Em 1904, o então intendente Antônio Oliveira Mota alterou o nome da cidade através da Lei Estadual Nº. 575, de 21 de novembro do mesmo ano, passando a ser denominada Araci. Originária da língua Tupi a palavra Araci, significa "Mãe do Dia". Em 1931, Araci deixou de ser município, pois segundo Anatólio Oliveira (1986), não conseguiu preencher os requisitos exigidos pela nova situação política gerada pela revolução de 1930 no tocante ao

---

<sup>18</sup> A denominação de Raso foi dada por causa da espécie topográfica do terreno, isto é, coberta de caatinga baixa e emaranhada.



número populacional e a diminuição de suas atividades econômicas. A partir daí, Araci foi anexada à cidade de Serrinha, deixando de ser município e passando a ter uma subprefeitura.

Somente em 14 de novembro de 1956, Araci conquistou definitivamente a sua independência e voltou a ser elevada à categoria de cidade, pela Lei Estadual Nº. 863, situação esta que permanece até os dias atuais. Ainda segundo Anatólio Oliveira (1986), nessa época a economia do município consistia basicamente do cultivo da mandioca, feijão e milho, além da exportação de peles e exploração da fibra do sisal. Em meados de 1970, Araci passou por uma crise profunda por conta da seca que assolou a região. A situação de precariedade da cidade foi tanta que ganhou destaque no Jornal da Bahia, com o título: “Araci está seco!”. Nesta reportagem, foram abordadas as péssimas condições vivenciadas pelos moradores:

homens e animais morrem de fome e sede; as pastagens estão dizimadas; as aguadas secaram; as lavouras perderam-se e a economia - que normalmente já é fraca - piorou. [...] a cultura de sisal é o sustentáculo econômico de Araci <sup>19</sup>.

Nesse período, o município não contava com uma rede de distribuição de água, fato este que agravou a situação, tanto no que se refere à sua economia, quanto na questão da saúde pública, que "com a estiagem, houve uma piora na incidência de doenças<sup>20</sup>", pois a água era de péssima qualidade e a população não tinha recursos disponíveis para comprar remédio e sanar suas moléstias, uma vez que para o povo conseguir água era mais importante. Como se nota, Araci passava por momentos difíceis com a falta de infraestrutura e de desenvolvimento, porém essa situação não impediu que o povo se divertisse e conservasse suas tradições, ao contrário, o povo buscou nessas tradições a fuga dos problemas cotidianos, como fica evidente em outra reportagem do Jornal da Bahia:

conservando uma antiga tradição, saiu recentemente às ruas de Araci o Bumba-meu-boi. O ‘Boi-janeiro’, como também é conhecido, foi acompanhado por grande número de pastores, pelo ‘vaqueiro’ e outras alegorias<sup>21</sup>.

Na década de 80, o cenário econômico local parecia que iria mudar, a notícia de que poderia ter ouro em solo araciense deixou a população da cidade esperançosa. A esse respeito,

---

<sup>19</sup> Jornal Bahia, em 01 de agosto de 1976. Cedido por Ana Nery Fátima C. Silva

<sup>20</sup> Jornal Bahia, em 01 de agosto de 1976. Cedido por Ana Nery Fátima C. Silva

<sup>21</sup> Fragmento extraído do Jornal Bahia, em fevereiro de 1976. Cedido por Ana Nery Fátima C. Silva

o jornal A Tarde dedicou um pequeno espaço para falar da expectativa do Governo Federal em investir em frentes de trabalho de garimpagem na região:

[...] deverá ser aberta uma série de frentes de trabalho de garimpagem não só na região amazônica, como também em outras regiões do país. Para ele (refere-se ao Ministro das Minas e Energia da época, Carlos Cais), há uma 'outra enorme esperança', que é a área de Araci, no Estado da Bahia, onde estudos revelam que há 'pelo menos umas 100 toneladas de ouro' a serem exploradas conjuntamente pelo governo e iniciativa privada.<sup>22</sup>

Anatólio Oliveira (1986), em seus estudos sobre a *Festa de Reis em Araci*, também assinala que havia a existência de áreas extensas de terrenos auríferos, destacados por técnicos e geólogos da DOCEGEO, porém o mesmo ressalta que a força da atividade econômica do município estava essencialmente nas atividades mais antigas e tradicionais: a agricultura e pecuária, sendo esta última a mais expressiva, já que nas letras das músicas cantadas pelo povo na hora da labuta e nas formas de se divertir, os animais estão sempre presentes, principalmente o "boi". Para Anatólio Oliveira (1986), "cantar o boi" é um procedimento comum por ocasião da limpa da terra para o plantio do milho e do feijão, ou após a plantação, a ação de arrancar as ervas daninhas; os sambistas giram quase sempre em torno do boi ou de outro animal" (p. 01).

Desse modo, podemos inferir que a figura do boi, do vaqueiro, da mulinha e da fateira, presentes no ritual festivo dos grupos de reisado de Araci, são símbolos que representavam o cotidiano de seus participantes, suas identidades. Quiçá a importância simbólica do boi para os grupos de reisado e até mesmo para a festa em si derive da utilidade que teve nas atividades agrícolas, uma vez que por muito tempo fez parte das atividades cotidianas e econômicas.

Nesse sentido, Brandão (2011) ressalta que "a festa tem o poder de evidenciar não apenas características das celebrações festivas, mas também elementos marcantes dos modos de vida dos sujeitos que a elaboram, bem como características do momento histórico em que se celebra a manifestação de fé e diversão" (p. 64). Talvez um dos motivos para a perpetuação dessa tradição possa estar associada a essas experiências que ultrapassam o ritual festivo e religioso; o tempo e o espaço mesclando-se com a vida cotidiana que lhe cabe.

---

<sup>22</sup> Fragmento extraído do Jornal A Tarde, em 28 de outubro de 1981. Cedido por Ana Nery Fátima C. Silva

Nesse período, os instrumentos de lazer e diversão eram escassos. No início das festividades de Reis (considerado aqui como sendo a década de 1940), não havia luz elétrica na cidade, e mesmo assim o povo não deixava de imprimir sua alegria através das festas, fato este evidente na fala de Carlos Mota:

[...]o boi entrava e naquele tempo não tinha luz, o boi entrava e acendia os candeeiros pra ficar clareando e o povo primeiro cantava na porta da frente: ô de casa, ô de fora, menino vai ver quem é, é o reis que tá vindo lá de São José. E começava né! E batia, abra a porta que queremos entrar né! Aí abria a porta, e o povo sambava ali<sup>23</sup>.

Os festejos realizados nessa época chamavam a atenção das pessoas que se sentiam atraídas pelos sons dos sambas, chulas e batuques. Então acendiam seus candeeiros e saiam às ruas para prestigiar e participar dos festejos. Nesses momentos, o povo deixava fluir a sua capacidade de criar e de se reinventar, encontrando nessas festas de caráter profano-religioso seu refúgio, o lugar propício para a confraternização e a fuga da labuta diária.

Atualmente, a cidade não possui um bom índice de desenvolvimento social e econômico, o que é característica de toda a região. Suas principais atividades econômicas se restringem à agricultura, pecuária, comércio popular e feiras livres. De acordo com o censo de 2010, a população do município é de aproximadamente 51.636 habitantes, tendo uma área de 1556,141 km<sup>2</sup>, e faz divisa com os municípios de: Teofilândia, Conceição do Coité, Tucano, Santa Luz, Cansanção, Barrocas, Nova Soure, Biritinga e Quijingue (IBGE, 2010).

No campo cultural, podemos dizer que as festas sempre ocuparam um lugar cativo nesse município, principalmente as de cunho religioso. Destaca-se a festa em devoção à Nossa Senhora da Conceição, que está presente na memória coletiva dos moradores como sendo uma das manifestações festivas mais importantes do seio católico, uma vez que desde 8 de dezembro de 1859, a referida santa é padroeira da cidade. Outra festividade que ocupa lugar de destaque, e é considerado o festejo tradicional mais importante para a cidade é o São João, com sua capacidade de aglutinar uma quantidade expressiva de pessoas. A Festa de Reis, objeto de análise desta pesquisa, é considerada a segunda maior festa do município. E é nesse cenário que os festejos do dia de Santos Reis, vêm ao longo do tempo, se desenvolvendo e se reinventando.

---

<sup>23</sup> Entrevista concedida por Carlos Raimundo Mota, 88 anos, em 27 de agosto de 2012.

## **2 FESTA, PODER E DEVOÇÃO.**

### **2.1 A utilidade da religião: Relações entre a Igreja, políticos e reiseiros.**

O Brasil é permeado de acontecimentos festivos. Desde o período colonial, as atividades festivas ocupava boa parte da vida dos colonos. Segundo Del Priore (2000), o número de festas era tão grande que consumia mais de cem dias por ano, fato este que para a autora, confirma “a longa duração do espírito que mesclava festas profanas e religiosas” (p. 27). Por muito tempo serviram como um elo entre o sagrado e o profano, e como válvula de escape de tensões e conflitos cotidianos, pois de certa forma as festas alteravam a rotina das pessoas, tornando seus dias na colônia mais fáceis de suportar.

Para Peixoto Amaral (1998), no período colonial, a festa foi o principal meio pelo qual a sociedade portuguesa encontrou para estabelecer a comunicação entre as culturas. Das várias festividades populares que os portugueses trouxeram para o Brasil, a Folia aos Santos Reis, com seu caráter profano-religioso, foi uma das que ainda permanecem vivas em algumas partes do país. Muitas organizadas como prova de fé e devoção aos Reis Magos, sendo este um dos principais motivos que impulsionam a realização dessa festa nas diversas localidades.

Muitos adeptos desse tipo de festividade, no afã de verem seus anseios realizados, mantém uma espécie de pacto com o seu santo de devoção. Nesta relação entre devoto e santo há sempre uma troca de favores. Couto (2004) coloca que a busca pela obtenção de uma graça leva o fiel a fazer promessa e a comprometer-se em pagar o prometido, pois só assim o acordo poderia ser desfeito. Caso o resultado não fosse satisfatório, uma das partes ficaria devedora. Se o devoto ou o santo não cumprissem com o acordo, sofreriam punições. No caso do devoto, estaria condenado ao inferno ou, nas palavras de Couto (2004), “virar alma penada”, e no caso do santo, este estaria sujeito a ver seu culto e sua imagem destruídos. Todavia, “se o santo e devoto conseguirem cumprir suas obrigações a contento, o fiel comemorava o fim do acordo com exuberante festa” (p. 65).

Os estudos sobre as atividades festivas nos possibilitam perceber que são vários os motivos que impulsionam a formação de uma Folia de Reis. Em alguns casos os grupos são iniciados por questões religiosas, a exemplo das folias de reis da comunidade rural de Aldeia, que conforme Brandão, são organizadas com o propósito de homenagear e louvar os Santos Reis, já que são padroeiros da comunidade, além do interesse em pedir proteção e ao mesmo

tempo agradecer pelas graças alcançadas. Em outros casos, o início das folias de reis envolve o compromisso “com os próprios Magos ou com outros santos. A promessa e o sacrifício assumem, desse modo, lugar central nessas relações de comprometimento e de trocas” (BITTER, 2010, p. 38). Há também os ternos de Reis que são impulsionados por questões míticas, como no caso do Terno de Reis Humildes em Alegria, que surgiu a partir da revelação em sonho de sua idealizadora (ANDRADE, 2010).

Nesta perspectiva, foi possível perceber que nas Folias de Reis desenvolvidas em Araci, os participantes dos grupos de reisado também são motivados por questões religiosas e que estes tem uma percepção própria do evento e do ritual, haja vista que justificam a permanência e perpetuação dessa tradição pela perspectiva religiosa que conhecem, fato este evidente na fala de Dona Marli<sup>24</sup>, participante do grupo Reisado Nossa Senhora da Conceição:

os três reis magos saiam cantando o reis de casa em casa. Então, é por isso que essa cultura não pode acabar, por que isso ai começou do nascimento de Jesus, veio pelos três reis magos que veio cantando os reis né!<sup>25</sup>

Como se pode perceber, o culto aos Reis Magos tem sido justificado e desenvolvido em torno da crença da visita dos três reis ao menino Jesus, descrito no Evangelho de Mateus e ressignificado pelos foliões através do conhecimento que os mesmos possuem da história bíblica do nascimento do menino Deus. De acordo com Eliade (1992), “toda festa religiosa, todo tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, ‘nos primórdios’” (p. 38), nesse caso, a história do nascimento de Cristo. Todavia, vale salientar que mesmo sendo repetidas a cada ano, não significa dizer que as festas são estruturadas de maneira rígida, imóvel, uma vez que são ressignificadas e reapropriadas conforme o tempo e o lugar daqueles que dela participam.

No caso de Araci, a motivação para o início das Folias de Reis se dá não só pela fé e devoção, mas sobretudo pela diversão. Porém, é importante ressaltar que a devoção cultivada nos grupos de reisado da cidade não é direcionada aos Santos Reis como acontece por exemplo no grupo de reisado de Cabaceira, em Conceição do Coité - BA, descrito por Ana

---

<sup>24</sup> Nome fictício. Optou-se por não identificar os participantes dos grupos de reisado pelos seus nomes legítimos para preservar suas identidades.

<sup>25</sup> Entrevista concedida em 28 de agosto de 2012.

Nery Brito (2013); na festa de Reis da Comunidade de Aldeia, relatado por Brandão (2010); ou nas comemorações realizadas pelas Folias de Reis de João Pinheiro, pesquisadas por Gonçalves (2010). Embora os integrantes dos grupos de reisado da localidade sigam o mesmo ritual das Folias de Reis, estes não alimentam um espírito de devoção propriamente dito pelos Reis Magos, mas sim por Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade.

Em todas as entrevistas com os participantes dos Ternos de Reis, observamos que os mesmos quando indagados se tinham algum tipo de devoção aos Reis Magos, afirmavam que não, que eram devotos de Nossa Senhora da Conceição. Este aspecto é facilmente perceptível não só nas falas dos integrantes dos grupos, mas também nas canções entoadas por eles e no próprio nome de um dos grupos analisados, como é o caso do Reisado Nossa Senhora da Conceição, que carrega a denominação da referida santa. Contudo, não é exclusividade de Araci a inclusão da devoção a outros santos no ritual festivo das folias de Reis, isto ocorre também em outros lugares. No Rio de Janeiro, por exemplo, “São Sebastião é adorado pelas Folias de Reis entre os dias 6 e 20 de janeiro, devido à importância do Santo como padroeiro da cidade” (BARRETO, 2012, p. 04).

A mistura da devoção a Nossa Senhora da Conceição ao ritual das Folias de Reis de Araci é relatado por Dona Marlí da seguinte forma:

“que a gente canta assim, olha, qualquer ritmo que a gente canta do reis a gente canta assim:

Vou cantar Deus para sempre / Vou cantar Deus para sempre

Eu cheguei onde eu queria / a Virgem da Conceição.

Ô de casa ô de fora / Ô de fora ô de fora

Maria vai ver quem é / A Virgem da Conceição.

É os Reis que tá na porta / É os reis que tá na porta

Quem mandou foi São José / A Virgem da Conceição.

É chegada nessa porta / É chegada nessa porta

Uma formosa bandeira / A Virgem da Conceição. [...]”<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Música: Reis da Virgem da Coneição, concedida em entrevista em 28 de agosto de 2012. Participante do Grupo de Reisado Nossa Senhora da Conceição.

As festas do catolicismo popular no Brasil congregam sentimentos diversos e são ressignificadas conforme as experiências religiosas dos integrantes que delas se apropriam, elaborando novas formas de celebração. Para Eliade (1992), quando se analisa as festas de caráter religioso descobre-se que há um desejo dos homens de aproximação com os deuses. Dessa forma, o folião, através do ritual simbólico da festa, tem a oportunidade de entrar em “contato” com o seu santo de devoção. No grupo Reisado Nossa Senhora da Conceição, por exemplo, os membros, ao incluir no final de cada estrofe a frase “a Virgem da Conceição” em alusão à referida santa, se apropriaram da canção que relata a trajetória dos Reis Magos e incorporaram a sua devoção à padroeira da cidade, dando novo sentido e significado a esse ritual.

Segundo Gonçalves (2010), o drama ritual é a própria materialização da religião. “Durante a encenação ritual, os mitos, as histórias e as crenças tornam-se para o folião, realidades genuínas; eles as concebem como presença e não como representação da visita dos Três Reis Santos ao Menino Deus” (p. 22).

Como já vimos anteriormente, a devoção aos Santos Reis está no imaginário popular desde a expansão do cristianismo, que substituiu as antigas tradições pagãs por celebrações cristãs. Desta forma, à medida que o tempo passava, as festas pagãs foram sendo “incorporadas à liturgia da Igreja romanizada” (GONÇALVES, 2010, p. 58). Para a Igreja Católica, o episódio dos Reis Magos narrado pelo evangelista São Mateus é considerado “o símbolo e a manifestação do chamado de todos os povos pagãos à vida eterna. Os magos foram a declaração explícita de que o Evangelho era para ser pregado a todos os povos” (SAGARBOSSA, GIOVANNINI, 1996, p. 13).

Como já foi salientada, a festa dos Santos Reis chegou ao Brasil por meio dos colonizadores, era controlada e organizada pela igreja católica através dos jesuítas que, mesmo não considerando os Três Reis Magos como santos oficiais, utilizavam o ritual como uma dramatização para envolver os índios, colonos portugueses e negros escravizados no processo de evangelização (BRANDÃO, 2010).

O drama ritual tinha uma “utilidade” social, servindo como um instrumento de aproximação das culturas e ao mesmo tempo legitimador dos interesses do clero. Nesse período, a igreja era para seus fiéis um lugar não só de mediação entre Deus e os homens, mas

também um lugar de sociabilidade. Para chamar a atenção dos fiéis, a igreja promovia procissões religiosas com bastante pompa e até mesmo os enterros eram grandiosamente festejados, como bem nos mostra João José Reis (1991) em seu livro *A morte é uma festa*, no qual fala sobre um episódio ocorrido na Bahia do século XIX, quando uma multidão revoltada destruiu um cemitério recém-construído chamado Campo Santo. Reis (1991) afirma que nessa época havia um:

[...] catolicismo que se destacava por elaboradas manifestações externas da fé com missas celebradas por dezenas de padres, acompanhadas por corais e orquestras, em tempos cuja abundante decoração era uma festa para os olhos, e, sobretudo funerais grandiosos e procissões cheias de alegorias, de que participavam centenas de pessoas (REIS, 1991, p. 67).

Nesse contexto, as irmandades eram os principais veículos do catolicismo popular, pelo menos até o Brasil Império, e funcionavam também como meios de afirmação cultural, sendo as responsáveis por tecer redes de solidariedades fundadas nas hierarquias sociais. Segundo José Reis, nos enterros as pessoas também procuravam demonstrar seu prestígio, proporcionando aos seus convidados verdadeiros espetáculos fúnebres equivalentes ou superiores à sua condição social.

Apesar da festa de Reis de Araci possuir caráter religioso e agregar em si uma forte devoção a Nossa Senhora da Conceição, esta se desenvolve fora das amarras da Igreja Católica, haja vista que os Três Reis Magos não são considerados pela instituição como sendo santos oficiais. Em conversa informal mantida com o pároco atual, este explicou que no dia 6 de janeiro cabe à Igreja local fazer apenas a costumada celebração da Epifania do Senhor, entendida como “uma solenidade ideológica que transcende os episódios históricos particulares. Celebra-se a manifestação de Deus aos homens na pessoa do Filho, isto é a primeira fase da redenção” (SAGARBOSSA, GIOVANNINI, 1996, p. 13).

Segundo Couto (2004), no Brasil as festas religiosas eram organizadas na maioria das vezes pela própria comunidade que, sem a efetiva participação do clero, se juntava para cultuar um santo de devoção, cabendo aos membros das ordens religiosas responsabilizarem-se apenas pelas celebrações litúrgicas.

Em Araci, as folias de Reis se mantêm independente do apoio ou intervenção direta da Igreja Católica. Sendo assim, “a relação com os santos católicos passa a ser percebida como uma relação que não necessita de intermediário” (ANDRADE, 2010, p. 104). Desse modo, os



devotos sentem-se autorizados a manter seus cultos sem, no entanto, ter que passar pela hierarquia eclesiástica e nem necessitar da intermediação ou mesmo da autorização da Igreja para festejar. Diante disso, percebe-se que a Igreja Católica local mantém-se em posição de neutralidade no tocante aos grupos de reisado, no sentido de não intervir no seu ritual festivo, apenas se encarregam de fazer a solenidade da Epifania do Senhor, na qual os reiseiros participam juntamente com a população católica.

Contudo, é importante ressaltar que a participação dos integrantes dos Ternos de Reis na celebração litúrgica se dá apenas como espectadores, uma vez que não lhes é concedido nenhum espaço para desenvolver suas apresentações em honra aos “Santos do Dia”, com exceção de um dado momento entre o período de 2001 a 2004, época na qual o Padre Miguel era sacerdote local. A esse respeito, Seu Lucas<sup>27</sup> relata:

“Eu já toquei na igreja, o padre pediu, só não bati, nesse tempo só não bati isso aqui (aponta para o pandeiro), a gente chegou lá cantou o reis no pé da santidade. [...] era esse Padre Miguel que ele chegou ai. Dos padres, só foi esse que pediu, por que ele achou bom, achou bonito. [...] Nois participa sentado ali e quando termina a missa ali, aí a gente ganha a catinga e aí toca o pau, aí só vê a zuada, aí pronto. Mas na hora do silêncio lá, a gente tá tudo quietinho assim”<sup>28</sup>.

Segundo Tinhorão (2001), inicialmente as folias de reis nem ao menos eram admitidas no interior das igrejas devido o seu caráter festeiro. Mais recentemente, em Santo Antônio de Jesus - BA, durante sua existência, o Terno de Reis Humildes em Alegria foi sujeito à recusa da Igreja que, por muitas vezes, não aceitou o grupo em seu interior, pois esta instituição não admitia festividades em comemoração a santos populares não reconhecidos oficialmente, como é o caso dos Santos Reis (ANDRADE, 2010). Entretanto, como se pode perceber, as Folias de Reis em Araci não são submetidas a esse tipo de constrangimento, ao contrário, são admitidas, desde que obedeçam às regras de conduta, mantendo-se silenciosas e quietas durante a celebração, agindo como se estivessem numa celebração comum, como cristãos comuns.

Conforme as lembranças dos narradores, participar da celebração litúrgica do dia de Reis é algo sagrado, todos os grupos têm a “obrigação” de estarem presentes na igreja: “todo

---

<sup>27</sup> Nome fictício. Optou-se por não identificar os participantes dos grupos de reisado pelos seus nomes legítimos para preservar suas identidades.

<sup>28</sup> Entrevista concedida em 26 de agosto de 2012.

ano no dia seis de janeiro, a primeira coisa é a missa”, diz Dona Marlí. Tornou-se tradição a presença destes na missa do dia de Reis, haja vista que é recorrente nas entrevistas, os narradores afirmarem ter começado a participar desta celebração através do convite de Edvaldo Pinho. Há relatos de que “foi começado a celebrar a missa depois que Edvaldo Pinho começou essa festa”<sup>29</sup>. Edvaldo Pinho, ex-prefeito e ex-vereador do município, é um dos incentivadores dessa cultura. Segundo a memória local, este tem um envolvimento pessoal com a referida festa devido a um fato inusitado. É propagado na cidade que a mãe dele teria sido forçada a dar a luz antes da data prevista por conta do susto que tomou de um dos bois dos ternos de reis, exatamente no dia 6 de janeiro.

À luz das ideias de Montesquieu, Certeau (2011) explica que as elites têm buscado transformar as religiões em utilidade social a fim de servir aos seus interesses. Essa premissa possibilitou perceber aspectos importantes nas relações entre o universo religioso local e grupos políticos. No ambiente religioso, eram impressos gestos e ações implícitas de demonstração de poder, que à primeira vista poderiam parecer irrelevantes dentro desse cenário, mas que podem adquirir importância conforme os participantes e convidados vão lhe conferindo significado.

A esse respeito, as reflexões de Pierre Bourdieu (2011) são provocadoras, pois ao discutir sobre o poder simbólico, coloca que este está por toda a parte, sugerindo que estejamos atentos aos lugares onde ele é mais completamente ignorado, pois segundo o autor “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (p. 8). Partindo desse pressuposto, pode-se compreender que dentro do contexto religioso, o poder pode se mostrar de formas variadas, utilizando sutilmente estratégias que vão desde um simples pedido de celebração de missa a doações financeiras à instituição religiosa por parte de autoridades políticas do município, revelando as várias maneiras de manipulação de símbolos.

Não é de hoje que as festas religiosas são utilizadas como instrumentos de poder pela elite ou por quem se apodera dela. Segundo Del Priore, desde o período colonial, as festas constituem-se em espaços de muitas funções, dentre elas as funções políticas e religiosas.

---

<sup>29</sup> Entrevista concedida em 28 de agosto de 2012.

Nessa mesma perspectiva, Peixoto Amaral coloca que as festas brasileiras serviam como meio facilitador para que o governo português juntamente com a Igreja Católica transferisse para a colônia um modelo social baseado em critério da cultura europeia, a fim de legitimarem-se diante da sociedade e confirmarem o seu poder. A esse respeito, Mônica de Souza Lopes (2006) diz:

A parceria entre Igreja e Estado convertia as festas simultaneamente em sagradas e profanas, e tornou muito comum um comportamento extremamente devoto por parte das populações coloniais, o que mais acentuava a identificação entre esse par de instituições (LOPES, 2006, p. 05).

Como foi possível notar, há quem afirme que as celebrações aos Santos Reis tenha sido motivada por influência de Edvaldo Pinho, fato este bastante nítido para Dona Bela: “foi a pedido dele (refere-se a Edvaldo), pra festejar o aniversário dele e o casamento”<sup>30</sup> que se passou a celebrar a missa na igreja. Com o intuito de encontrar indícios a esse respeito, foi realizada consulta ao Livro de Tombo da paróquia local, porém não foram encontrados registros que confirmassem com precisão a afirmativa de Dona Bela. No referido livro, só haviam duas passagens contendo pouquíssimas informações que faziam referência a essa temática. Na primeira, datada do dia 1º de janeiro de 1982, constava que “dia primeiro, iniciada a pintura interna da igreja para que fosse realizado o casamento de José Pinho dia 6 do corrente mês”. Na segunda, datada do dia 6 de janeiro de 1992, constava: “No dia seis, festa dos santos reis, aniversário do prefeito do município, Edvaldo José Pinho, foi celebrada a santa missa às oito horas da noite”.

Como se pode notar, os fragmentos não evidenciam quando começou a prática da solenidade do dia dos Santos Reis, e apenas no segundo, a festa em estudo é de fato mencionada. Contudo, é importante frisar que o intuito aqui não é saber quando e quem são os prováveis responsáveis por incentivar a realização dessa solenidade na referida instituição, mas tentar entender as imbricações existentes nas relações estabelecidas no universo religioso.

Os estudos de Cristian B. de Miranda (2010) contribuíram significativamente para o entendimento das relações entre Igreja e políticos locais. Ao analisar a Festa da Padroeira de Conceição do Coité, durante a segunda metade do século XX, constatou que naquele cenário era comum políticos ajudarem financeiramente nas demandas da Igreja Católica, revelando

---

<sup>30</sup> Entrevista concedida em 28 de agosto de 2012.

uma dimensão política, à medida em que a festa proporcionava a oportunidade de se obter prestígio social perante a sociedade local.

Seguindo essa perspectiva, verificamos que no período estudado também era comum em Araci, autoridades políticas contribuírem financeiramente com as necessidades do templo religioso. No início da década de 90, por exemplo, durante a gestão municipal de Edvaldo Pinho, que além de benfeitor dos grupos de reisado, também se mostrava “sensível” às necessidades da instituição religiosa, a Prefeitura Municipal de Araci patrocinou a pintura da igreja, reforma da capela, auxílio financeiro para as despesas com carros de som e com padres que vinham para a festa da padroeira. Essas ações, de certa forma, contribuíam de maneira implícita para a construção de um imaginário benevolente de um determinado grupo político que almejava a perpetuação no poder.

Como se pode perceber, ao longo dos anos, a religião e as manifestações culturais ligadas a ela têm sido utilizadas de formas diversas, por vários grupos sociais. Seja na forma de troca de favores entre santos e devotos, ou através de manipulações de símbolos, como doações feitas a instituições religiosas por parte de políticos, com o intuito de conseguirem poder e prestígio social perante a sociedade.

## **2.2 Relações de poder, conflitos e apropriações na Festa de Reis em Araci.**

Celebrado por pessoas humildes da cidade, os festejos aos Santos Reis constitui-se um momento bastante significativo na vida dos membros das folias, pois coloca esses indivíduos em evidência, no centro das atenções. Ocasão oportuna para o folião mostrar-se e ter maior visibilidade social, já que aproveitam o ensejo para expor à sociedade a sabedoria adquirida ao longo do tempo, assim como suas experiências coletivas e individuais. Nas festas, "mostra-se lentamente a expressão de diferentes segmentos da sociedade" (PRIORE, 2000, p. 89). Nelas, as pessoas transformam suas expectativas em ações concretas e compartilham a alegria de poder ser representado e representar-se. Essa gama de acontecimentos faz com que estes indivíduos se sintam pertencentes a essa manifestação festiva, tomando-a para si e se reconhecendo nela.

Além de servir como espaço de alegrias e representações, a festa aos Santos Reis também é palco de controvérsias, conflitos e apropriações. Examinar esta diversidade de acontecimentos é o objetivo aqui. Pretende-se investigar como os membros dos grupos de reisado se viam na festa e como estes percebiam as transformações ocorridas ao longo do tempo. Tentar-se-á também verificar se esta festa tem sido utilizada como um espaço de manipulação política. Analisar-se-á ainda como este espaço festivo era apropriado pelos demais participantes.

Durante o período de festa, de primeiro a cinco de janeiro, cumpre-se o ritual da visitação nas casas, as folias seguem separadamente, sendo que cada grupo percorre ruas e bairros distintos. Apenas no dia seis de janeiro, eles se encontram para juntos confraternizarem. É neste local de sociabilidade e integração que os grupos partilham suas crenças e valores; onde afirmam e reafirmam suas alianças e solidariedades, mas também é onde surgem conflitos, disputas por espaço e maior visibilidade social.

Com base nas narrativas, observa-se que havia uma certa rivalidade por parte de alguns grupos de reisado, no tocante ao modo de se relacionarem, bem como a disputa por espaço. Quando indagado se havia algum tipo de conflito e rivalidade entre os grupos, foi relatado que sim: "tem, esse mesmo que chama como é? Nossa Senhora da Conceição mesmo. Quando eles saía, não se batia com a gente não. Se a gente tivesse num beco, eles passavam, arrudiavam pra não encontrar com nós"<sup>31</sup>, diz Dona Mariá<sup>32</sup>. Dona Firmina, ao se referir às apresentações que aconteciam na praça no dia de Reis, também se queixou da forma como o grupo supracitado se comportava. Segundo ela: "era cabulagem deles, por que nós não tinha esse sebesta, pra nós tanto cantasse primeiro como por último"<sup>33</sup>.

Por estas narrativas pode-se ter uma ideia de como se dá as relações entre os grupos. Ao dizerem "era cabulagem deles", "nós não tinha esse sebesta", ou "não se batia com a gente não", Dona Firmina e Dona Mariá deixam explícito que nem sempre essas relações eram amistosas, e que apesar de estarem representando a mesma cultura, possuíam diferentes

---

<sup>31</sup> Entrevista concedida em 19 de agosto de 2012.

<sup>32</sup> Nome fictício. Optou-se por não identificar os participantes dos grupos de reisado pelos seus nomes legítimos para preservar suas identidades.

<sup>33</sup> Entrevista concedida em 19 de agosto de 2012.

maneiras de sentir e percebê-la. É como salienta Brandão (2010), "através das festas pode-se conhecer melhor a coletividade [...], pois a festa tem o poder de evidenciar não apenas características das celebrações festivas, mas também elementos marcantes do modo de vida dos sujeitos que a elaboram" (p.64).

O lado conflitivo da festa era sentido não somente nas relações entre os diferentes Ternos de Reis, mas também na própria estrutura da festa. As entrevistas revelam um descontentamento com as transformações ocorridas nos festejos ao longo do tempo, visto que no início das festividades de reis não havia na programação a inserção de grupos musicais e bandas famosas.

Em conversas com os participantes dos ternos de reis, é perceptível a constante insatisfação com a inserção das bandas musicais, visto que durante o processo de reinvenção da festa, estas ganharam espaço no palco para fazer suas apresentações. Anteriormente a este fato, todo ano os ternos eram convidados a fazer exhibções, cada grupo tinha o seu espaço reservado, porém depois da inclusão das bandas musicais, esse espaço foi sendo reduzido, causando descontentamento. Tal afirmação fica evidente na fala de um dos integrantes de um dos grupos:

"antes quase que nem tinha carro de som para cantar o reis e também não existia o palanque, a gente cantava só nas casa por aí e pronto. Agora, depois de certo tempo pra cá, existiu um palanque por que vai ter uma banda, não sei o que. Dia 6 de janeiro, que é aniversário de Edvaldo Pinho, aí intonce bota uma banda. A gente vai pra cantar o reis, num pode cantar por que, ah! num tem espaço mais não. Aí a gente volta cabreiro [...]. Hoje em dia, [...] o cara chega lá, nem o fole pode abrir, não pode tocar nada, por que entra aquela banda naquela zuada lá, aí não tem sentido, que nois não vai ficar lá feito besta"<sup>34</sup>

Com base na memória local, pode-se dizer que o processo de reinvenção da festa começou timidamente entre finais da década de 60 e início da década de 70, em função do apoio financeiro de Edvaldo Pinho. Na época, empresário local, este dispunha de poder aquisitivo suficiente para ajudar os grupos de reisado com a ornamentação do boi e das vestimentas. Porém, é a partir 1989, que a Festa aos Santos Reis começou a ganhar grande representatividade, quando o Poder Público Municipal, representado por Edvaldo Pinho, passou a incentivar e apoiar mais efetivamente os festejos.

---

<sup>34</sup> Entrevista concedida em 26 de agosto de 2012.

Pesquisas realizadas no Arquivo da Prefeitura Municipal de Araci mostraram que existe uma quantidade significativa de notas de empenho direcionadas a várias festividades populares, ocorridas tanto na sede do município como na zona rural. Entre tantas, estavam notas de pagamento referentes a despesas com as festividades de Reis, que vão desde a confecção de roupas e acessórios até a contratação de sanfoneiros para tocar na festa<sup>35</sup>.

Essa documentação possibilitou perceber o processo de ressignificação e reinvenção que a festa sofreu, pois através das notas observou-se que a mudança ocorrida no formato dos festejos de Reis começou a partir do início da década de 1990, quando o Poder Público Municipal passou a interferir de forma mais direta na estrutura da Festa, contratando músicos, montando palanque, ornamentando a cidade e fornecendo materiais para os grupos de ternos de reis, dando assim uma nova configuração aos festejos.

A interferência de pessoas públicas em atividades festivas acontece desde muito tempo. Wlamyra Albuquerque (2002), ao analisar as festividades do Dois de Julho na Bahia, no período da transição império-república, percebeu que neste evento havia pessoas destacadas na sociedade que incentivavam e apoiavam aquelas comemorações. Cita o exemplo de um ex-vereador e deputado estadual da época, que além de se envolver nos preparativos da festa, também fazia diversas concessões e ordem de alienados a pessoas carentes e instituições. Para a autora, a atuação desse político baiano revela como pessoas que usufruíam de prestígio social exerciam certa tutela sobre os populares, personalizando relações sociais arcaicas comuns ao período colonial e imperial.

Em Araci, esse tipo de atuação não era muito diferente da percebida por Albuquerque. Na busca por informações sobre os festejos de reis, foi encontrado um número expressivo de notas de empenho referentes aos mais diversos tipos de doações a pessoas carentes do município.

Igor J. Trabuco da Silva (2009), ao analisar a atuação da Assembleia de Deus e sua relação com o universo político em Feira de Santana, contribui muito para o entendimento dessas ações, ao perceber que aquela instituição havia adotado uma postura assistencialista como forma de alcançar (primeiramente) a aceitação daquela sociedade. Tal atitude, a qual o

---

<sup>35</sup> Informações extraídas de documentos do Arquivo da Prefeitura Municipal de Araci, referentes ao período compreendido entre os anos de 1989 e 1995.

autor considerou paternalista, pode ter sido "a estratégia encontrada pela Assembleia de Deus de Feira de Santana para se fazer presente no cenário político local" (p. 99).

As análises de Igor Silva conduzem à reflexão sobre as atitudes e posturas adotadas por políticos locais. No caso de Araci, uma das estratégias utilizadas para se obter poder e prestígio político assentava-se em ações de cunho assistencialista, representadas sutilmente através de doações diversas (fornecimento de materiais de construção, roupas, enxovais. etc.) a pessoas carentes do município. No caso da Festa, a manipulação se dava através dos símbolos, como as contribuições e doações para ornamentação da cidade e dos bois. De certa forma, essas práticas podem ter contribuído para que grupos dominantes se projetassem politicamente.

Sobre esse aspecto, é importante observar as contribuições teóricas de Bourdieu (2011), quando este discute a questão do poder simbólico. Segundo o autor, o poder está em toda parte e para encontrá-lo é necessário descobri-lo onde ele menos se deixa ver, pois "o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (p. 7-8).

No desenrolar da pesquisa, percebeu-se que durante o mandato de Edvaldo Pinho, os festejos de Reis eram organizados com muita ostentação. Para se ter uma ideia, foram encontradas muitas notas de empenho expedidas em 1991 e 1992, destinadas aos festejos natalinos e de Reis, o que leva a entender que houve nesses anos um investimento maior no tocante à ornamentação da cidade, ao fornecimento de material para os grupos de reis e contratação de músicos. Através de investimentos como esses, políticos locais demonstravam o seu poder, mesmo que de forma simbólica, pois quanto mais pomposa fosse a festa, mais prestígio e visibilidade eram atribuídas ao governo vigente e a aqueles que o representava.

Geralmente a programação da Festa de Reis tem sido atrelada aos festejos do período natalino. Nesse período, a cidade ganha uma nova dinâmica, pois os preparativos para as festas causam uma movimentação diferente daquela de costume. Antes dos festejos natalinos iniciarem, já pode ser percebido um grande número de pessoas se movimentando para ornamentar a praça e montar suas barracas. Como se trata de um período de férias para



alguns, muitos que saíram da cidade para estudar e/ou trabalhar, voltam para visitar amigos e familiares.

Devido a esse processo de ressignificação e reinvenção dos festejos de Reis promovido pelo Poder Público Municipal, a festa passou a ser mais conhecida, pois começou a ser bem mais divulgada, tanto em Araci como em cidades vizinhas. Os ternos de reis, inclusive, passaram a ser convidados para fazerem apresentações em outras cidades, como relata dona Firmina:

Já fomos pra Euclides da Cunha, fomos pra Cajazeiras, já fomos também pra Paripiranga, nós foi pra Feira de Santana também, nós já foi pra Tucano, todo o ano nós ia pra lá fazer essa festinha, nós ia a convite de Edvaldo Pinho<sup>36</sup>.

O fato de serem convidados a se apresentarem em outros lugares contribuiu para que os componentes dos Ternos de Reis sentissem sua cultura mais valorizada. Esse contentamento pode ser nitidamente sentido através das músicas entoadas por eles:

Somos filhos de Araci / nós viemos trabalhar

Nós viemos apresentar / a cultura brasileira

Brasileira, brasileira, brasileira, brasileira.<sup>37</sup>

Por estes versos pode-se ter uma noção de como era significativo para estes grupos levar seu conhecimento e sabedoria popular para outros contextos, e como estes se sentiam orgulhosos em representar sua cidade e sua cultura.

Nota-se também que o interesse popular pela festa cresceu, pois ganhou mais visibilidade, fazendo com que pessoas de municípios vizinhos se desloquem para prestigiar e participar das festividades relacionadas não só ao terno de reis, mas sobretudo às bandas musicais que são contratadas para alegrar o povão.

Devido a essa nova configuração, nesse período, a economia local ganha mais impulso com a chegada dos vários visitantes, que se acomodam nas pousadas, bares, restaurantes e praças. A cidade fica toda ornamentada para dar boas vindas ao público, percebe-se um novo

---

<sup>36</sup> Entrevista concedida em 29 de agosto de 2012.

<sup>37</sup> Música concedida em entrevista com participantes do Grupo de Reisado Nossa Senhora da Conceição, em 28 de agosto de 2012.

clima que dá a impressão de uma "dimensão de extra-quotidiano"<sup>38</sup>, no qual os indivíduos imbuídos de sentimentos, buscam o conagraçamento e a diversão. Ao refletir sobre a produção do cenário da Festa de Reis na comunidade rural de Aldeia, Brandão (2010) traz importantes reflexões:

Enfeita-se a praça para a tradicional festa dos Santos Reis, com bandeiras, barracas de guloseimas recheadas e doces, cocadas, comidas feitas na hora; armam-se barracas de jogos de azar e muita diversão, principalmente para as crianças, com várias brincadeiras, como corrida de saco, pau de sebo, enfim, havia também uma expectativa de se ganhar algum dinheiro com a homenagem aos Reis Magos. Garantindo a alegria e o entretenimento para centenas de pessoas que por ali passavam durante os dias de festa (BRANDÃO, 2010, p. 57).

Sobre esse aspecto comercial da festa, Renato Ortiz (1980), ao analisar as dimensões dos festejos carnavalescos, traz contribuições significativas. O autor chama a atenção para o fato de que o espaço festivo, para alguns grupos, não é o local da liberação, descontração ou folga, mas ao contrário, é o lugar onde há a intensificação do trabalho cotidiano e onde outros aproveitam para tirar algum lucro:

O carnaval é visto como que possuindo uma dimensão extraordinária, um outro universo, da qual a espera poderá ser utópica ou maléfica. [...] para determinados grupos a festa carnavalesca não tem uma dimensão de extra-quotidiano, de um além, o que vemos e a acentuação das tarefas do dia a dia criando uma situação que bem poderíamos chamar de "acúmulo da ordem". [...] Não se trata porém de uma ordem "outra", mas da acentuação da ordem capitalista que cria novas situações de mercado, permitindo assim usufruir dela uma margem de lucro (ORTIZ, 1980, p. 31-32).

Como pode-se perceber, a festa apresenta duas realidades aparentemente contraditórias, se para alguns apresenta-se com um caráter extra-quotidiano, para outros é a acentuação do trabalho e o acúmulo de horas extras, oportunidade para aumentar a renda familiar. Em Araci não é diferente, percebeu-se isso através da agitação dos moradores da cidade e dos visitantes que chegam para montar parques, armar barracas com produtos diversos, na expectativa de conseguir uma renda extra.

As manifestações culturais têm sido vistas cada vez mais como produto, deixando o seu caráter artístico e originário. Segundo Pordanov (2002) o produtor cultural acaba sendo substituído pelo captador de recursos, que se acomoda à prática de recebimento de subsídios

---

<sup>38</sup> Expressão utilizada por Renato Ortiz em: *A consciência fragmentada: Ensaio de cultura popular e religião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 31-32.

ofertados por patrocinadores, terminando por afastar a atmosfera ritualística da manifestação cultural.

As festas têm esse poder de se revestirem de um caráter de ambiguidade: Por um lado são capazes de permitir a troca de experiências, de confraternização e comunhão entre as pessoas; de se tornar um local de resistência no qual os indivíduos buscam se legitimar diante de uma sociedade que muitas vezes os exclui, conseguindo lhes dar voz e vez. Porém, também pode ser vista como um espaço da manipulação da opinião pública e de controle social dessas mesmas pessoas que buscam se divertir e resistir às lutas cotidianas pela sobrevivência.

### **2.3 - O discurso e a imagem da festa na imprensa local.**

Discorrendo sobre a forma depreciativa com que os jornais em Porto Alegre se referiam às festas carnavalescas no fim do século XIX, Alexandre Lazzari (2002) coloca que a imprensa daquela época havia se encarregado de criar uma imagem negativa do carnaval. Ao descrever os acontecimentos da festa, fazia questão de enfatizar a decadência dos bons costumes em detrimento da nova face que a festa tinha adquirido. Constatou que havia por trás das reportagens melancólicas, um preconceito mal disfarçado contra o carnaval popular, uma preocupação com a estabilidade política e doutrinária do regime. Para o autor, “a insatisfação dos jornais com o carnaval podia estar associada a uma manifestação de inconformidade política” (p. 209).

O estudo de Lazzari (2002), ao demonstrar as formas de leitura que os jornais porto-alegrenses faziam dos festejos, apontam algumas facetas dos conflitos culturais. Os sentidos que se queriam construir por meio das reportagens jornalísticas no contexto do início do período republicano trouxe importantes contribuições sobre como pensar a leitura dos jornais em Araci, despertando a atenção sobre aspectos antes não pensados. Desse modo, buscou-se analisar os discursos construídos ao longo do tempo e a imagem da festa na imprensa local.

Como já foi salientado, é propagado na cidade que a mãe de Edvaldo Pinho teria sido forçada a dar a luz antes da data prevista por conta do susto que tomou de um dos bois dos ternos de reis, exatamente no dia 6 de janeiro. E anos mais tarde, em 1967, quando o mesmo

já estava fechando as portas de seu estabelecimento comercial, percebeu uma cantoria que vinha em sua direção: "ô de casa, ô de fora! Maria vai ver quem é. É os cantador de Reis, quem mandou foi são José...". Segundo entrevista do próprio Edvaldo Pinho à TVE, este abriu novamente as portas do seu estabelecimento, fazendo o grupo entrar e se servir à vontade. Dali em diante assumiu que o reisado era um marco na sua vida e passou a apoiá-lo<sup>39</sup>.

Nota-se que há certo "embelezamento" quando se fala dessa história, o que se percebe é que o que se quer produzir com esse discurso é a imagem de um homem totalmente desprovido de qualquer interesse; tenta-se inculcar na mente das pessoas a figura de um homem bom e sensível aos atos culturais do povo pobre. É indiscutível que Edvaldo Pinho tem sua história de vida imbricada ao evento e que parece realmente gostar da folia proporcionada pelos ternos de Reis. Talvez se não fosse por seu incentivo e apoio financeiro, os grupos não mais existissem. Entretanto, ficam evidentes as apropriações pessoais e/ou políticas que o mesmo tem feito ao longo do tempo.

Sobre esse aspecto, a imprensa local tem cumprido, sempre que pode, o papel de divulgar a imagem de Edvaldo Pinho vinculada à Festa de Reis. Em 2002, por exemplo, fez questão de associar a história de vida de Edvaldo Pinho aos festejos de Reis:

Quando a população de Araci fala no "boi de Zé Pinho", todo mês de janeiro de cada ano, vem confirmando uma história e tradição que pouca gente em Araci conhece, especialmente os mais novos que o próprio Edvaldo Pinho. A tradição do boi de janeiro está intrinsecamente ligada a esta figura, nascida no dia do boi.<sup>40</sup>

Além do nascimento de Edvaldo Pinho, a reportagem enfatizou também outros aspectos de sua vida, como o seu casamento em praça pública e os batizados dos filhos, todos realizados no dia seis de janeiro; ressaltou também alguns feitos assistencialistas e festas promovidas por ele.

O Jornal A Folha dos Municípios é um jornal mensal, de circulação regional, existente em Araci desde 2001. Traz em suas edições diferentes temas relacionados à cultura, esporte, lazer e política. Desde a sua fundação, tem se dedicado a noticiar acontecimentos culturais diversos, especialmente aqueles ligados à política. Guimarães (2011), ao utilizá-lo como uma

---

<sup>39</sup> Vídeo cedido por Ana Nery Fátima C. Silva.

<sup>40</sup> Reportagem extraída do Jornal A Folha de Araci, entre os meses de novembro e dezembro de 2002.

de suas fontes de análise sobre a festa dos negros em Araci, percebeu que eventos como a Festa de Reis sempre ganhavam destaque nesse jornal, pelo fato desta “está vinculada a interesses político-partidários” (p. 39).

Ratificando a percepção de Guimarães (2011), em janeiro de 2010, o mesmo jornal destacou os festejos de final de ano e de Reis como reportagem de capa. A manchete intitulada "I Rei Fest de Araci, etiqueta nova na festa do reisado", além de mais uma vez atrelar a imagem de Edvaldo Pinho aos festejos de Reis, salientou a nova logomarca que havia sido criada para atrair turistas:

A festa do reisado de Araci nesse ano de 2009 mudou sua etiqueta que tinha um toque de simplicidade para receber uma nova marca. Edvaldo que neste ano se elegeu vereador, presidente da Câmara e exerce forte influência no governo de sua esposa Nenca que é prefeita da cidade, conseguiu implantar essa nova ideia. Dar ao reisado uma marca capaz de atrair turistas apaixonados pelo folclore e lançou a ideia do "I Rei Fest" de Araci.

[...] De janeiro em janeiro, Edvaldo Pinho celebra nascimento, casamento e batizado dos filhos, e nunca sozinho, rodeado de centenas e às vezes milhares de amigos. São muitos amigos que se misturam nesse "Edifestival" do Zé Festinha. Entre tantos aí, está o deputado José Nunes, que pelo menos nos últimos 20 Bois de Janeiro sempre esteve ao lado de seu amigo aniversariante<sup>41</sup>.

É notório o discurso tendencioso do jornal local em exaltar e vincular a imagem do político Edvaldo Pinho e seu grupo ao festejo. Percebe-se que na reportagem supracitada houve a preocupação em colocar em evidência a participação de grupos políticos, assim como a tentativa de se dar maior projeção política aos mesmos.

Embora o propósito político em torno da dinâmica da Festa de Reis de Araci não estivesse nítido para a maioria dos expectadores, fazia-se subentendido em alguns símbolos da festa. Em 2012, o cartaz de divulgação da Festa, elaborado pela Secretaria Municipal de Cultura, trouxe um subtítulo vinculado à logomarca Reis Fest, onde pode-se constatar as intenções aparentemente implícitas:

---

<sup>41</sup> Reportagem extraída do Jornal A Folha dos municípios em janeiro de 2010.

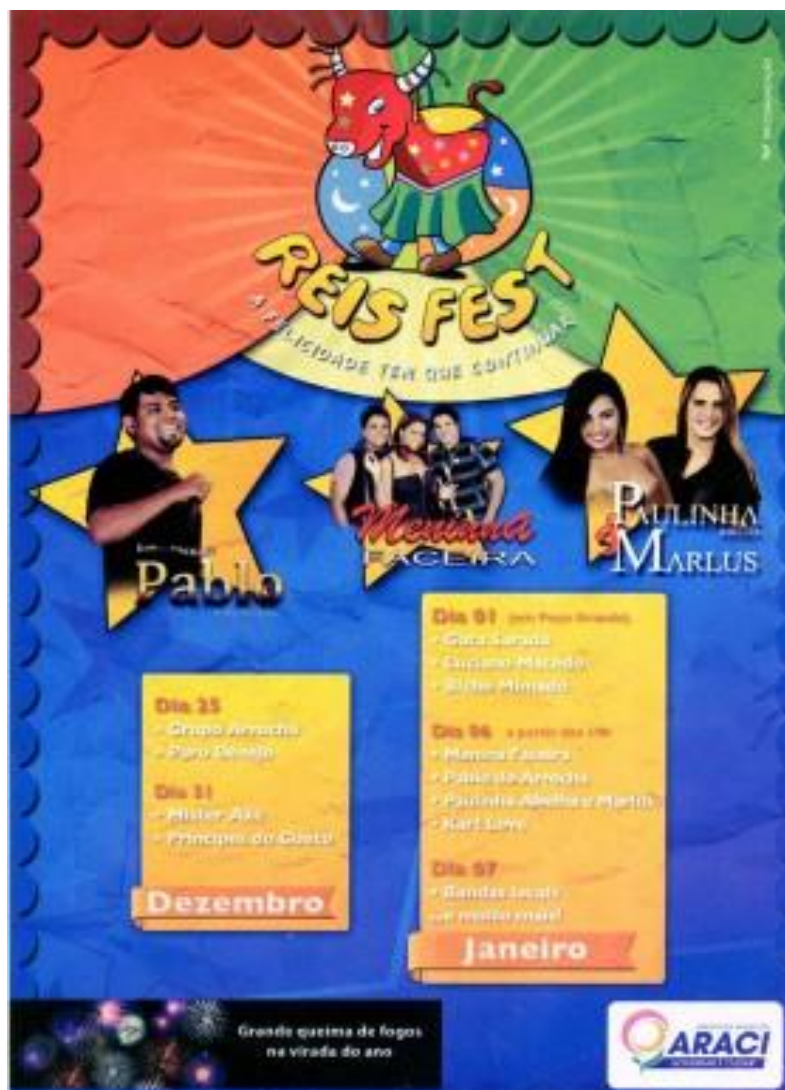


Figura 3: Cartaz de divulgação do Reis Fest, 2012. Cedido por particular.

Como pode-se perceber no cartaz acima, no subtítulo “A felicidade tem que continuar”, o vocábulo “tem” deixa subentendido o interesse do grupo dominante da época em querer continuar no poder, já que era ano de eleição.

Segundo Pordanov (2002) “o jogo de símbolos proporcionados pelas festas produz um rito de unanimidade e de fraternidade que faz confundir as almas em um entusiasmo comum. Se bem analisadas, pode-se perceber que as festas ricas em símbolos e metáforas carregam representações do social e deixam entrever as hierarquias do poder político.

Entretanto, não é somente na Festa de Reis que grupos políticos da cidade tentam se autopromover. Segundo Guimarães (2011), a busca por espaço está presente também na Festa dos Negros, realizada todos os anos no dia 13 de maio. Para a autora, “a concretização da festa dos negros não é um evento neutro para a comunidade política local. Pelo contrário, os grupos políticos procuram se aproximar da mesma a fim de se projetarem politicamente” (p. 24).

Embora Edvaldo Pinho tenha sido nomeado simbolicamente por algumas pessoas padrinho das folias de reis é importante ressaltar que outros segmentos da sociedade também se fizeram parceiros das folias ao longo dos anos. A exemplo de Carlos Mota que na década de 60 apoiou financeiramente os grupos de reisado. Como fica expresso em sua fala:

Eu sempre gostei dessa festa, é uma festa da nossa região, uma festa do povo, e tal, as origens da festa do povo né? Porque o burro, o boi, a friteira, os componentes do reisado e tudo mais, então em 1961 eu comprei o bar e passei a assumir essa festa. Eu é que ia junto aos comerciantes pedir ajuda pra confeccionar o boi né? E dava uma gratificação pra os cara.

Assim como Mota, havia outras pessoas que estavam preocupadas em manter viva a cultura do município, como fica evidenciado nas conversas que mantivemos com Luiz Santana:

“Meu primeiro contato com o reisado foi na minha adolescência, com 12, 13 anos, em meados de 1981. [...] mas meu contato mais direto com o reisado foi em 1994 através da fundação da Oficina de Artes, nesse momento foi que comecei a interferir mais diretamente, ajudando a produzir o vestuário e eu me lembro que em 1997 pra 2000 foram momentos em que a gente teve uma interferência maior, eu tava como coordenador de cultura do município e eu lembro que a gente como oficina de artes e como coordenador de cultura, promovíamos apresentações do reisado nas escolas municipais” .

Através desses relatos, nota-se o esforço de segmentos da população araciense de querer fortalecer a cultura popular e de manter viva sua tradição. Pois é através da festa e da própria localidade que essas pessoas se identificam e expõem as práticas construídas cotidianamente, que se reconhecem enquanto pertencente a um espaço que é seu e ao mesmo tempo é compartilhado com tantos outros (Oliveira, 2010).

A festa enquanto forma de comemoração é responsável pela mudança no cotidiano, tornando-se um poderoso meio pelo qual são transmitidos impressões uniformes e comuns a todos os participantes. Cancline (2008) resalta que quando se quer alcançar um objetivo, adentrar num território, o primeiro passo é apropriar-se dos símbolos, rituais e costumes que fazem parte da identidade do lugar, recuperá-los e colocá-los sob sua soberania. Uma vez

resgatados ou incentivados, a relação com essa sociedade começa a criar laços, e aqueles que incentivaram passam a ser símbolos, sinônimos, referências daquele evento. Nas festas buscam-se registrar através de imagens e símbolos a impressão de unanimidade, fundamental para que se possa tentar garantir a legitimação do poder e a manutenção daqueles que estão no controle. Bakhtin (2008), ao falar da cultura popular na Idade Média e no Renascimento, coloca que as festas revelavam o triunfo de uma verdade pré-fabricada (p. 8). Neste sentido as festas podem tornar-se uma ocasião propícia para reforçar o poder por meio da manipulação de símbolos e imagens, por constituírem-se como espaços onde se agregam símbolos diversos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que motivou esta pesquisa foi a tentativa de ver a festa dentro de uma moldura mais ampliada das relações entre a sociedade araciense e o poder local, bem como tentar perceber as ligações entre o mundo da cultura e da política. Desse modo, teve-se a pretensão, mesmo timidamente, de analisar a Festa no seu sentido plural, mostrando as diferentes formas de utilização do seu espaço e do seu nome; as representações, apropriações e significados que dela emergiam. Nesse sentido, os festejos de Reis em Araci mostraram-se bastante complexos por conta dos diversos interesses nela envolvidos, revelando-se um desafio para a pesquisa.

Tentou-se neste trabalho mostrar que este evento festivo não se tratava apenas de mais uma festa aonde as pessoas iam se divertir e fugir das agruras cotidianas, mas que se tratava também de um evento aglutinador de sentidos para aquela sociedade e principalmente para os grupos de reisado, personagens ligadas diretamente ao festejo.

A partir dos depoimentos, tão fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, pudemos constatar que a festa constitui-se como uma tradição que se perpetua no tempo e no espaço, vinculada a um sentimento de pertença, pois está gravada na memória dos moradores como uma cultura que identifica o lugar. Uma tradição que não ficou ossificada no tempo, mas que é capaz de se adequar às novas realidades sempre que necessário, agregando novos elementos; capaz de se reinventar e adquirir dinâmica diferente a cada nova apresentação.

Durante o processo de pesquisa, foi possível perceber que participar de um grupo de reisado representava a oportunidade de sair do anonimato para tornar-se o centro das atenções, pois naqueles dias todos os olhares se voltavam para eles, tornando-os mais conhecidos, fazendo com que esses sujeitos se sentissem valorizados dentro do contexto da festa. Mais do que um local de sociabilidade, a Festa revelava-se um espaço de afirmação cultural onde as pessoas buscavam se legitimar diante da sociedade no sentido de garantir a sua existência, fazendo-se ver e serem vistas pela sociedade.

Embora no corpo do texto tenha sido frequente a referência a Edvaldo Pinho, enfatizando a sua atuação e relação pessoal com os festejos de reis, assim como seus interesses pessoais e/ou políticos na Festa, é importante ressaltar que não é intenção desta pesquisa fazer sua biografia, haja vista que após examinarmos com atenção as fontes escritas

e orais percebemos que seria impossível falar de Festa de Reis em Araci sem, no entanto, expor um pouco sua história de vida.

Neste trabalho, procurou-se perceber os imbricamentos existentes no envolvimento de Edvaldo com a Festa, as várias formas de apropriação e manipulação de poder imprimidas através dos seus “gestos benevolentes”, bem como entender como seu envolvimento pessoal e sua influência enquanto empresário, e depois como político, desencadeou um processo de reinvenção de uma tradição que se fazia inicialmente restrita a alguns grupos de pessoas chegar a ser considerada a segunda maior festa da cidade, abrangendo agora toda a população.

A partir das fontes orais e escritas, pôde-se compreender e problematizar a Festa a partir de duas temporalidades: a festa antes e depois da intervenção direta do Poder Público Municipal. Nesse sentido, buscamos investigar o contexto inicial da festa na perspectiva de perceber as transformações ocorridas ao longo do tempo, a partir da análise do contexto histórico da cidade, a fim de apreender também a dinâmica dessa sociedade, numa tentativa de desvendar as vivências cotidianas dos sujeitos envolvidos nesta investigação, além de tentar compreender através dos gestos simbólicos que acontecem nessas festividades as possíveis tensões, conflitos e as relações de poder presentes nesta localidade.

Procurou-se estar atento ao modo como as relações entre os grupos eram estabelecidas; as visões de mundo e percepção da festa. Buscou-se expor os discursos e imagem da festa na imprensa local.

Apesar da pretensão em fazer uma análise plural da Festa, o trabalho não consegue contemplar todas as suas dimensões, apresentando assim algumas lacunas no que dizem respeito às identidades culturais, formas de resistência, aspectos do sagrado e do profano presentes nesta festividade que podem ser preenchidas e problematizadas em pesquisas posteriores. Entretanto, espera-se que este trabalho possa gerar o interesse de novos estudos sobre festividade popular ou outro tema a ele relacionado.

## FONTES

### 1.0 Fontes orais

- ✓ Entrevista com Luiz Oliveira de Santana, em 19.03. 2012. Coordenador do Centro de Cultura de Araci. Duração: 00:47min.
- ✓ Entrevista com Maria José da Silva Carvalho, 50 anos, em 19.08.2012. Integrante do terno de reis de Antônio do Bagaço. Duração: 00:31min:28s.
- ✓ Entrevista com Josefa Maria da Silva, 48 anos, em 19.08.2012. Integrante do terno de reis de Antônio do Bagaço. Duração: 00:31min:28s.
- ✓ Entrevista com Luiz Castro Santos, 65 anos, em 26.08.2012. Integrante do terno de reis de Antônio do Bagaço. Duração: 01h: 03min: 04s.
- ✓ Entrevista com Domingos Castro Santos, 61 anos, em 26.08.2012. Integrante do terno de reis de Antônio do Bagaço. Duração: 01h: 03min: 04s.
- ✓ Entrevista com Carlos Mota Carvalho, 88 anos, em 27.08. 2012. Memorialista oral. Duração: 00h: 42min: 19s
- ✓ Entrevista com Maria da Anunciação Ferreira, 64 anos, em 28.08.2012, Integrante do Grupo de Reisado Nossa Senhora da Conceição. Duração: 00h: 42min: 19s
- ✓ Entrevista com Maria Adelia Oliveira Sousa, 67 anos, em 28.08.2012, Integrante do Grupo de Reisado Nossa Senhora da Conceição. Duração: 00h: 42min: 19s

### 2.0 Escritas

- ✓ Notas de empenho dos anos de 1989 a 1995, encontradas no Arquivo da Prefeitura Municipal de Araci;
- ✓ Livro do Tomo da Paroquia local;
- ✓ Jornais:

Jornal da Bahia, 01 de agosto de 1976;

Jornal da Bahia, fevereiro de 1976;

A Tarde, 28 de outubro de 1981;

A Folha de Araci, novembro/dezembro de 2002;

Folha dos Municípios, edição 73, janeiro de 2010 – Ano IX-01.

✓ Músicas:

Reis da Virgem da Conceição, repassada pelos mais velhos;

Cultura brasileira, repassada pelos mais velhos;

Hino de Araci, Acesso em: <http://araci.ba.gov.br/cidade/hino/araci>.

✓ Cartazes:

Cartaz de divulgação de 2012.

✓ Audiovisual:

Vídeo cedido por Ana Nery Fátima C. Silva;

Documentário da Festa de Reis, cedido pela Secretaria de Cultura de Araci.

✓ Fotos:

Cedidas pelo Jornal Folha dos Municípios;

Cedidas pelo Centro Cultural de Araci.

## REFERÊNCIAS:

ABREU, Martha Campos. Festa e violência: os capoeiras e as festas populares na corte do Rio de Janeiro (1809 - 1890). In: **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios da história social da cultura**. Maria Clementina Pereira Cunha (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

ABREU, Martha e VIANA, Larissa. Festas religiosas, cultura e política no império do Brasil. In: Grimberg, Keila e Salles, Ricardo. **O Brasil Imperial**, Vol. III, 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ALBURQUERQUE, Wlamyra R. **Algazarra nas ruas: Comemoração da Independência na Bahia (1889-1923)**, Campinas, Editora da Unicamp, 1999.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira: significados do festejar, no país que "não é sério"**. Tese de doutorado apresentado ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências. Universidade de São Paulo, 1998.

ANDRADE, Fabiane da Silva. **Abre alas minha gente! Festa, Cultura e Religiosidade Popular no Terno de Reis Humildes em Alegrias (1966 a 1933)**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 2008.

BARRETO, Renato. **As Folias de Reis na Festa de Piabetá-RJ: O encontro na fé**. In: **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 13, 2012.

BITTER, Daniel. **A Bandeira e a Mascara: a circulação de objetos rituais nas folias de Reis**. Rio de Janeiro: 7 Letras; Iphan/ CNFCP, 2010.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRANDÃO, Alex Sandro da Conceição. **Santos Reis**: Festa, poder e memória na comunidade rural de Aldeia (Governador Mangabeira-Ba 1970-2000). Universidade do Estado da Bahia. Santo Antonio de Jesus, 2011.

BRANDÃO, Alex Sandro da Conceição. **Santos Reis**: Festa, poder e memória (Governador Mangabeira-Ba 1970-2000). Programa de Pós-graduação em História Regional e Local. Universidade do Estado da Bahia. Santo Antonio de Jesus, 2010.

BRITO, Ana Nery Oliveira. **Devoção e Folia**: festa de Reis em Conceição do Coité (1986-2000). Monografia apresentada para obtenção do grau de Graduação em Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia. Conceição do Coité, 2013.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa 1500 – 1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas**: Homenagem a Santa Barbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940). Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista - UNESP. 2004.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ELIADE Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GARBOSSA, Mario. GIOVANNINI, Luigi. **Um dia para cada santo**. 5ª ed. São Paulo, 1996.

GARCIA CANCLINE, Nestor. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4.ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2008.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **As Folias de Reis de João Pinheiro**: Performance e identidades sertanejas no nordeste mineiro. Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília - UNB como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor. Brasília, 2010.

GUIMARÃES, Maria Jaciane Ferreira. **Festa dos negros em Araci (1987-2011)**. Monografia apresentada para obtenção do grau de Graduação em Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia. Conceição do Coité, 2011.

ITANI, Alice. **A festa como apropriação do tempo e do espaço**: Festas e calendários. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LAZZARI, Alexandre. Momo decaído: A imprensa e a tradição perdida do carnaval Porto-alegrense no fim do século XIX. In: **Carnavais e outras f(r)estas**: ensaios da história social da cultura. Maria Clementina Pereira Cunha (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

LOPES, Mônica de Souza. **Das origens da festa à brasileira**. Curitiba, Revista Científica, 2006. Acessado em agosto de 2012 pelo site:

[http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica1/MONICA\\_DE\\_SOUZA\\_LOPES.PDF](http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica1/MONICA_DE_SOUZA_LOPES.PDF)

LIMA, Maura Mota Carvalho. **Historia de Araci (Período de 1812 a 1956)**. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia, 1985.

MIRANDA, Cristian Barreto. Igreja, relações de poder e conflito no Território do Sisal. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUN. São Paulo, Julho de 2011.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3ªed. São Paulo: Contexto, 1994.

OLIVEIRA, Anatólio. **Festa de Reis em Araci**. Departamento de Teatro da Emac. Grupo de estudo do teatro popular. Espetáculo Popular e Folclore nº4. Universidade Federal da Bahia. 1986.

OLIVEIRA, Fabiane Pinto da Silva. **Entre a fé e a folia**: Festas de Reis Realizadas em Conceição do Coité (1990 - 2009). Monografia apresentada para obtenção do grau de Graduação em Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia. Conceição do Coité, 2010.

ORTIZ, Renato. **A consciência fragmentada**: ensaios de cultura popular e religião. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PERGO, Vera Lucia. **Os rituais na Folia de Reis**: uma das festas populares brasileiras. Universidade Estadual de Maringá. Acessado em agosto de 2012 pelo site:[http://200.189.113.123/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos\\_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/3rituais\\_folia\\_reis.pdf](http://200.189.113.123/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/3rituais_folia_reis.pdf).

PORDANOV, Cleber Cristiano. **Cultura e sociedade mineradora**: Potosi 1569 - 1670. São Paulo: Annablume: Feevale, 2002.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SILVA, Igor José Trabuco da. **“Meu reino não é deste mundo”** – A Assembleia de Deus e a política em Feira de Santana (1972-1990). Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

SILVA, Renato Mendonça Barreto da. **As Folias de Reis na festa de Piabetá-RJ**: O encontro na fé.

TELLES, Adriana Silva. **Presença negra na festa de Santana (1930-1950)**. Universidade Estadual de Feira de Santana. Departamento de Ciências Humanas e Filosofia. Programa de Pós-graduação em Teoria e Metodologia da História. Feira de Santana, 2000.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: historia oral. Rio de janeiro: paz e terra, 1992.

TINHORÃO, José Ramos. **Cultura popular**: Temas e questões. São Paulo: Ed. 34, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: C.F. Cardosos e R. Vainfas.(orgs). **Domínios da História**. Rio de janeiro: Campus, 1997.